

HISTÓRIAS DE TERRA



Leonardo Vidal



Índice

Pansexual	04
O Tapete I	06
O Tapete II	10
O Gato	14
A Armadilha	16
O Homúnculo	19
A Visita	22
Uma Manhã	25
O Livro	27
O Boneco	30
A Aranha	33
O Copo	36
Peta I	40
Peta II	43
O Velho	45
A Coisa do Portão	48
Um Grimoire	52
O Espelho I	55
O Espelho II	59
O Outro Selo	63
A Pintura	66
O Vampiro	69
PNR (Point of No Return)	76
Créditos	82
Galeria	83

s histórias que se seguem não vêm de nenhum arco em especial, não são excepcionalmente planejadas nem têm a intenção de acrescentar nada às diversas mitologias que alimentam o horror moderno. São uma experiência. Pronto, falei.

Sendo um fã assumido de Poe, Lovecraft, Bierce, gostando de DeFoe, bem como de vários outros autores de horror em geral, contos fantásticos variados e ficção científica, cheguei a ler trabalhos teóricos sobre terror/horror, e uma coisa que me intrigou foram os esforços honestos dos diversos autores para criar um “clima” que propiciasse os sentimentos necessários ao desenrolar dessas histórias.

E foi assistindo a um filme com amigos (sempre tem um engraçadinho pra fazer uma piada e quebrar a tensão da cena) que me veio a pergunta: e se o protagonista dessas histórias tivesse uma personalidade tal que contrapusesse os elementos de horror? E se a técnica narrativa usada em textos humorísticos fosse aplicada a um conto de horror? Qual seria o resultado? E se o Tiririca fosse vítima de assombrações variadas?

Daí, segui o caminho proposto. E sabe de uma coisa? Foi tão gostoso de escrever que, quando percebi, tinha um calhamaço de texto na minha frente. A maioria de contos, uma que outra história ambientada em contos infantis ou em cantigas (essas eu deixei de fora, são várias, suficientes para dar início a outro projeto, despretensioso como esse aqui: só coisas pra divertir). Pedi a um amigo que diagramasse os contos, a um outro que revisasse, e o resultado está aqui. Não são primores literários, mas acho que gostaria de ter uns desses ao lado da cama em uma noite insone.

Espero que você concorde.





Pansexual



u sou pansexual.

- Beleza. Eu sou agnóstico.

Camila riu. Eu sabia o que pansexual queria dizer, mas não iria admitir por nada no mundo. Queria ver onde é que ela queria chegar com aquilo. Quer dizer, você não se apresenta para um pessoa dizendo algo como “oi, eu gosto de trepar com cobras”, a não ser que queira demonstrar atitude. E, se você está tão desesperado para surpreender ou fascinar os outros, alguma coisa não está legal em você. Ou nos outros.

Pansexual é aquele fulano que às vezes é pego se esfregando na poltrona nova, com o pau enfiado no tubo do aspirador ou acariciando a samambaia: vale tudo. O que desperte tesão, o que atraia. Camila me disse que um de seus orgasmos mais intensos foi com a cueca usada de um amigo de seu irmão mais velho, uma carrada de anos atrás. Disse que gozou só de enfiar o troço na cabeça. E se, naquele instante, você desse uma olhada na minha cara, poderia pensar que ela estava comentando que o tempo estava feio (estava), ou algo assim sem importância.

Ela me disse que vê o mundo em termos diferentes, tudo é uma questão de energia sexual. Ela podia observar uma palmeira, por exemplo, e sentir um tesão quase incontrolável por aquilo, dependendo do jeito que a energia “da coisa” batesse nela. E, se pudesse, ia adiante. Em compensação, havia muitos homens que não despertavam nela a mínima reação. Tava achando que era um deles, mas continuei concordando.

- Eu gosto de plantas. – Disse ela. – Tem um monte de coisas que me excitam, mas eu gosto mesmo de plantas.

- Arram.

- É, eu não sei. Tem uma energia especial nelas, uma coisa diferente que me deixa toda arrepiada. É como se a essência da masculinidade fosse inerte em uma planta.

- Tem plantas fêmeas, você sabe – tentei ajudar.

- Não importa a classificação. É a impassibilidade. A firmeza. Tem um jeitão masculino.

- Tem uma begônia na sacada do meu apartamento que eu

tenho quase certeza que é menina – observei.

Ela riu.

- É, pode rir. Mas é assim que eu me sinto a respeito.

- Nenhuma chance de cê dar um pulo lá comigo, então?

Ela me olhou demoradamente, depois chegou o rosto para junto do meu:

- Você está me convidando para ir para o teu apartamento?

O tom dela era tão pressuroso que eu tive que pensar duas vezes: era isso? Era.

- Sim. Quer ir?

- Quero que você venha para o meu apartamento. Quero que veja uma coisa.

Ela tinha aquele olhar da aranha que apanhou a mosca e fica olhando com superioridade pra você. Como se dissesse “E você, consegue fazer isso?”.

Caminhamos até o prédio dela. Entramos no elevador e ela me agarrou. Me deu o maior amasso. Entramos no apartamento. Ela me deu um beijo, perguntou se eu queria uma cerveja, foi buscar na geladeira. De lá de dentro me chamou para a área de serviço, apontou para um vaso e comentou que queria que eu visse aquela plantinha. Era a preferida dela.

Nunca vi nada como aquilo. Ela tinha razão: era indescritivelmente masculina, cheia de energia sexual, possessiva. Um caule bojudo, inchado, de quase dois metros olhou para mim. Eu pude sentir o ódio daquela coisa arrepiando os pelos de meu pescoço. As folhas moviam sem vento perceptível e a cabeça, de forma estrelada, virou-se para me encarar. Meu estômago embrulhou.

Lembrei subitamente que tinha que levar meu canguru para passear, e caí fora dali. Não sei – e nem quero saber – que tipo de simbiose ela tinha com aquele negócio. Mas, em algumas noites insones, a imagem me vem na mente, e não posso evitar pensar no que sairia daqueles obscenos frutos cor de sangue.



O Tapete (I)

 dona da lojinha de lembranças ficava numa felicidade orgásmica quando me via. Desde que ela tinha me mostrou uma escultura que confessou não saber o que era (mulher, três cabeças, seis braços) e eu lhe disse que era a Hécate, a deusa das bruxas. Aí ela vinha com uma avalanche de perguntas sempre que eu entrava lá, como se eu fosse um tipo de especialista em besteiologia.

- Esse elefantinho traz sorte, né?

- O elefantinho é Ganesh, eu acho. Deus indiano. Facilita as jornadas. Montava num rato.

- Não tem rato na estatueta.

- Pode tar embaixo do saio dele. Que me lembre, um elefante é consideravelmente maior que um rato.

- Tem certeza?

- Sim, um elefante é bem maior que um rato.

- Estou falando do nome.

- Não.

Aí ela ia, anotava "Ganesh, facilita as jornadas" em um adesivo e colava na estatueta mesmo assim. Sempre tinha alguma coisa. Ah, ela também me mostrava cada item da loja quando me via olhando alguma coisa:

- Esse chacal aí é Anúbis. Ele protege os lares.

- Achei que ele fosse juiz dos mortos.

- É, mas ele protege os lares também. A da cabeça de gato é...

- ...Bast. Eu sei. Li num gibi. O que é que ela protege?

- Ela traz sorte.

- Por quê?

- Não sei, tá no adesivo.

- O. K. – como eu sabia o tipo de informações que andava nos adesivos, não dava lá muita bola. Foi lá que eu vi o tapete.

- Esse tapete...

- Ah, tem muitos símbolos nele. Aquele ali é o olho de Hórus, que era um falcão. Eu sei que o símbolo espanta o mau-olhado.

Hórus deveria estar numa jornada dupla de trabalho. Eu achava que ele era o Sol. Mas insisti:





- E os outros símbolos?

- Ah, esses eu não sei. Esse aqui é indiano. Essa aqui do lado é aquela que tu me indicaste outro dia.

- Hécate.

- Isso.

“Tapetinho eclético”, pensei. Era uma misturada de símbolos religiosos com uma cara suspeita, mas bonitinho. Também só faltava uma etiqueta de “usado” nele. Perguntei o preço.

- Cem reais.

Bom, não era caro. E eu precisava de um outro tapete pra sala, porque quase tinha queimado o oficial com um cigarro, o que tinha deixado a patroa com um olhar azedo por três dias. Comprei, e ela me deu instruções a respeito de como pendurá-lo na parede para atrair bons fluidos. Chegando em casa, estendi na sala por cima do “oficial” e deitei em cima, como costumava fazer. Acendi um cigarro e fiquei pensando em meu óbvio grande destino como escritor e nas coisas magníficas que escreveria quando achasse que estava “pronto”.

Aí me imaginei num seminário. Eu poderia até concluir uma especialização e preencher o que eu achava que era uma falha nos cursos literários: todos achavam que “literatura séria” não incluía ficção científica, livros de fantasia nem de terror. Taí, poderia ensinar essas coisas. Comentei em voz alta:

- Professor de ficção científica e de literatura de horror... – com um sorriso nos lábios. Nem lembrei de incluir quadrinhos.

Aí aconteceu. A próxima coisa que eu vi foi um auditório cheio de estudantes. Eu estava parado na frente dele, cheio de anotações na mão. Um silêncio respeitoso desceu assim que perceberam que eu estava ali. Um fulano antipático chegou para a frente, pegou o microfone e comentou: “Seja bem-vindo, professor. Desculpe, mas não notamos que o senhor havia chegado.”

“Havia”? Quem é que usa isso em uma sentença hoje em dia? Olhei para o auditório cheio, sentindo meus bagos encolherem ao tamanho de duas uvas e um friozinho começando a crescer na minha barriga.

- Posso colocar o primeiro slide?

Quem tinha perguntado era o cara de óculos e terno, o antipático. Aquiesci com a cabeça. Claro que podia. Se ele tivesse

perguntado se era pra trazer o orangotango, eu não teria reagido diferente. Apareceu um slide em uma tela enorme atrás de mim. Era o tema da palestra e descrição de quem eu era, meus trabalhos e meu currículo. Acho que a única coisa que eu sabia ali era o nome. E, que eu soubesse, fora alguns arroubos de juventude nunca tinha pensado em escrever um livro de terror. Mas li alto no microfone os dados que estavam ali. Uma salva de palmas. Ei, não era tão ruim, afinal. Pensei em me curvar pra agradecer, num estilo teatral. O slide mudou de novo, mostrando o que parecia ser uma pintura de Goya. Um grotesco. Eu conhecia aquilo. Mas o que é que eu pretendia falar a respeito?



As anotações: no primeiro cartão (tinha umas folhas, também, que descobri ser o comentário final, depois das perguntas, pra encerrar a palestra. Eu podia tentar pular as perguntas.) estava escrito:

Grotesco. Slide 1, pintura de Goya. Por que é que as deformidades são tão notáveis? Por que a fascinação pelos traços exagerados na caricatura, na arte? A mente humana apreende processos comunicacionais, mas realiza as conexões entre os processos ela mesma. Vemos algo porque queremos ver. Essa percepção subjetiva parece nos atrair para mundos além do mundo. Às vezes sombrios, às vezes fantásticos. De onde vem essa necessidade ficcional?

Confesso que não sabia. Aliás, as dicas dos cartões eram prolixas, mas eu não tinha como juntá-las em uma sentença. Olhei de novo para a pintura. Bão, começar descrevendo a coisa era um começo. E também uma redundância, mas melhor que ficar quieto. Olhei para a pintura e comecei a descrever, ressaltando os traços caricaturais. Tinha até uma legenda com o nome do quadro. Eu nunca imaginei que poderia ser tão organizado.

Fluiu. O engraçado é que fluiu. De maneira natural, apareciam coisas que havia lido eras atrás e deveriam estar guardadas em algum canto da montanha de lixo que eu chamava de "cérebro". E as anotações eram suficientes para me manter no assunto, só precisava evitar divagar como era meu costume. A única coisa que eu tinha que fazer era dar "à audiência" um tempo malandro para olhar cada slide antes de começar a falar. Tempo esse que eu usava lendo os comentários nas fichas para tentar

transformá-los em um discurso coerente. Não era difícil. O tal professor parecia ter as mesmas referências e opiniões que eu. Além do mesmo nome. Às vezes aparecia alguma referência teórica desconhecida que era recortada do assunto. Se estava no slide, eu terminava de falar e lia em voz alta o trecho e o nome do autor/a. Sempre vinha a propósito.

O segundo slide era de uma pintura de Bosch, depois começaram a aparecer os autores e pequenas citações das obras. Todas conhecidas e queridas. Estava me sentindo em casa ali. Só faltou tirar os sapatos. Li o discurso final. Não houve perguntas. Fui ovacionado no fim.

E levantei a cabeça do tapete, o cigarro apagado entre os lábios. “Que loucura.”, pensei. Nisso a minha proprietária apareceu com sacolas de supermercado, anunciou que estava com vontade de comer um arroz com galinha “campeiro” e me relegou à cozinha por uma hora. Depois me chamou de volta, encantada com a “tapeçaria” que eu tinha comprado e insistindo para que eu pendurasse o troço na parede da sala. Não quis comentar que era um trapo bonitinho para eu deitar em cima e não arriscar queimar o tapete “oficial”.



O Tapete (II)

a outra tarde foi a mesma coisa: deitei no tapete e fiquei imaginando bobagens, mas nada aconteceu até que eu comentasse “investigador do sobrenatural” em voz alta. E eu estava em uma casa caindo aos pedaços, cheio de baganas de cigarro em volta e máquinas esquisitas por todo canto. Havia livros em torno de mim. Inclusive um livrinho vagabundo, escrito à máquina e mimeografado, chamado “Poltergeist”, que continha o que pareciam ser descrições de fenômenos paranormais relacionados a espíritos brincalhões no território brasileiro. Datados em ordem cronológica, com descrição dos equipamentos usados e os relatos dos moradores dos locais.

Agora, se você acha que eu estava com medo, se enganou feio: medo não descreve o que eu estava sentindo. Pavor. Pavor seria melhor, especialmente depois que eu li a descrição do poltergeist que era um vulto negro, só entrevisto, nunca visto, com unhas afiadas que nem navalha e que cortava as pessoas e cadeiras da casa, mesmo elas estando acordadas ou juntas. Resolvi fechar o livro e prestar atenção aos arredores.

Depois de um tempo considerável meu olhar pousou em umas anotações em cima de uma mesa. Tava na cara que a letra era minha, porque só eu conseguiria entender aquilo.

E isso porque estou acostumado com a grafia estranha que sempre sai quando escrevo coisas à mão: o “F” virando um “T”, o “E” um “P”, e assim ia. A última frase era: “a coisa mais assustadora que pode acontecer a alguém é estar em uma casa antiga e sem luzes, na companhia de si mesmo”. Senti simpatia pelo cara. Aquilo queria dizer que ele também estava se borrando todo. Pelo jeito, eu não devia ser grande coisa como “investigador do sobrenatural”. Aliás, minha imaginação superexcitada estava me levando a ver sombras se movendo em todos os cantos. Até sussurros ao longe. Experimentei usar uma das máquinas, mas o troço só bipou na minha cara.

Experimentei outra. Depois outra. A única coisa que eu consegui usar foi uma lanterna de luz negra, que captou traços orgâ-



nicos em toda parte ao meu redor, sob a forma insidiosa de insetos e cocozinhos de ratos. Nenhuma poça de sangue (nem sei de onde é que eu tirei isso), nenhum membro decepado (acho que isso eu tinha lembrado do filme *Evil Dead*). Aí me pareceu ouvir passos que se aproximavam. E uma mão de couro me agarrou pelo ombro.



Dei um pulo. Era um sujeito (de luvas) com óculos redondos e cara de rato que me disse que tinha vindo me render. Era dele o próximo turno de vigia. Agradei, juntei as anotações, deixei os livros com ele e saí de lá. Passei pela porta e um jorro de luz invadiu meus olhos.

A janela da sala estava aberta. Levantei do tapete. Se eu não tivesse tão assustado, aquela experiência teria sido uma das mais chatas da minha vida inteira. Precisava lembrar disso – e da anotação – pra usar na próxima palestra que fosse fazer.

Mas assim foi: bastava deitar sobre o tapetinho – que durante o dia ficava disfarçado como tapeçaria – e dizer o que queria para sonhar (ou viver) histórias com que se sonhava de uma forma tão real como se estivesse vivendo-as de verdade. Como se você entrasse em sua imaginação e pudesse viver lá dentro por períodos variáveis de tempo. Dependia do que te acordasse.

O tempo mais longo que fiquei nesse estado foram três semanas como mergulhador, descobrindo aos poucos os segredos de Atlântida. Foram semanas fascinantes, mas “acordei” poucos segundos após ter adormecido – ou invocado a visão, sei lá. Também fiquei muito tempo em Jerusalém, acompanhando os últimos dias de Jesus. Até apertei a mão dele. Ele não entendeu muito o fato de eu balançar a mão pra cima e pra baixo, mas tomou como um gesto de encorajamento. A hora de dúvida dele, em que ele pedia que o cálice fosse afastado, eu perdi porque estava dormindo. Minhas viagens mais curtas foram como “viajante do tempo” (que era uma tentativa de fazer a mesma coisa, visitar Jesus, mas acho que a máquina explodiu na minha cara) e “lendo o Livro do Destino”, que eu tirei de um conto da mitologia árabe, o Livro onde tudo está escrito, passado e futuro de todos. Nem bem abri o troço e uma coisa que eu não vi falou algo em uma língua que eu não conhecia, me agarrou pelo ombro e me atirou pra fora. Acordei com dor nas costas. Na sala, claro.

Minha esposa ficava intrigada com a minha mania de “cochilar” de tarde (nunca fui disso), mas naquela sala vivi coisas fascinantes: viajei no Nautilus com Nemo; visitei o Espaço e as Colônias terrestres em outros planetas, no futuro; conheci a Arca, a Biblioteca Definitiva, depois da extinção da Humanidade; brinquei com os Deuses do Olimpo e visitei a Biblioteca de Alexandria. Nadei com sereias (vampiras, mas isso eu descobri depois), conheci Arthur e Merlin, fui analisado por Freud (e acabei dando um tapa na careca dele, só pra poder dizer que tinha feito isso), ouvi Beethoven compor a Nona, tentei ajudar Dom Quixote, ajudei a matar Drácula, viajei com Gulliver. Só pra citar algumas coisas. Não importava se ficção ou realidade, o tapete me levava onde eu pedia, no papel que me impusesse. Conheci a alegria selvagem e o remorso de ser um lobisomem em lua cheia e acordei enjoado pelo gosto de carne humana. Visitei as profundezas do mar e tumbas de heróis míticos. Estava vivendo vidas e vidas fora de minha vida normal. O tapete era a melhor coisa que tinha me acontecido.

Até que a minha esposa passou na minha frente com uma calça particularmente apertada. Brinquei com ela, alguma coisa sobre rebolar pra mim. Ela sorriu e falou, de brincadeira:

- Vai pro inferno.

Eu estava sobre o tapete.



Sei que disse que o maior tempo que estive sonhando foi por três semanas. Mas minha visita ao inferno durou mais. Muito mais. Ou isso era por causa do tempo subjetivo. Não faço idéia de quanto tempo passei por lá. Uma vida seria pouco para descrever as coisas que vi, quantas planícies de vidro moído tive que atravessar nu, quanto tempo nadei em lagos de chamas. Tive que atravessar o Inferno para sair. Todo ele. Dos bosques, sendo perseguido por cachorros com cabeças humanas até as regiões geladas. Não vou descrever isso aqui. Não posso. A maior parte das lembranças eu bloqueei, as outras não são isentas de dor. Tudo era dor.

Minha esposa me segurava nos braços quando acordei. Eu estava gritando. Foi nesse dia que meu cabelo levou um puxão firme em direção ao grisalho, e nesse dia coloquei o tapete num balde de metal, joguei álcool por cima e o queimei. A coisa gri-

tou como algo vivo, e tentou sair do balde, mas impedi com minhas mãos, depois com uma panela. Até que parou de se mexer e de lutar lá dentro.

Se você acha que foi bobagem, que agi por trauma, tudo bem. Eu também acho. E sei que o tapete poderia ter me levado a muitos outros lugares extraordinários. Por exemplo, nunca vi o céu. Mas os dias (anos?; séculos??) que passei no Inferno não deixam que eu me arrependa do que fiz. Nada que permita uma viagem assim pode ser benigno. Quando penso em me arrepender, olho para as cicatrizes em minhas mãos. Penso na coisa berando e tentando me arrastar para a fogueira com ela. E então me tranquilizo.





O Gato

Noite de chuva, e a janela não parava de bater. A luz tinha ido para onde quer que a luz vá quando falta energia, e o clima era propício para uma história de terror à luz de velas. O problema é que eu estava sozinho em casa, e a história engasgada em minha garganta. Contar pra quem? Fiquei remoendo a história, pensando em maneiras de torná-la mais assustadora. A minha inspiração era O Gato, de Poe.

Bom, em todas as cidades tem essas velhinhas, sabe? Moram sozinhas, têm centenas de gatos e são de uma doçura indescritível para com as pessoas ao redor. Qualquer consideração para com elas é um elogio, sentem-se lisonjeadas se fazemos uma coisa simples, como segurar a porta ou levar o lixo para elas. É até uma coisa triste, porque dá pra sentir que elas se consideram excluídas do convívio humano por sua velhice. Nas sociedades primitivas, os idosos seriam detentores do saber, os contadores de histórias. Mas nós, cheios de soberba e preconceitos, podemos buscar saber e histórias em qualquer parte, a sociedade da informação. A propaganda nos dirige para a idolatria dos corpos jovens e rijos, e os velhos são relegados a segundo plano. Ou terceiro. Têm de pedir desculpas por continuar existindo depois do prazo de validade ter passado.

Eis que divago. Bom, essa velhinha tem seus gatinhos. Tem suas plantas. Tem suas netinhas que a visitam uma vez por mês, se tanto. E não querem ouvir histórias. Mas gostam dos biscoitos. Infelizmente, essa velhinha também tem um acúmulo de colesterol em uma artéria importante, e acaba tendo um derrame massivo, caindo no meio da sala e quebrando o conjunto de chá. A velhinha, depois de várias horas, volta a si, mas não consegue se mover nem se levantar. É aí que entram os gatinhos.

A comida de gatos está toda em latas, na prateleira. O apartamento está fechado, e eles não podem sair. Pouco a pouco vão chegando perto da dona. Uma parte selvagem de seus pequenos cérebros começa a perceber a possibilidade de uma presa fácil... Dá pra entender onde é que eu vou chegar. Bom, por dias a velhinha é devorada aos pouquinhos, até que acaba morrendo e o chei-

ro atraí os vizinhos.

O mais macabro dessa história é que pode acontecer. Fácil. Aliás, não aconteceu uma vez na sua cidade? Ou é só uma lenda urbana? Enfim, com a cabeça cheia da história, respirando curto, sem ter o que fazer na noite tempestuosa, lembrei de uma garrafa de cabernet pela metade na geladeira. Lembrei também que um bom vinho é um bom companheiro nesse tipo de noite. Talvez pudesse escrever num caderno, na companhia do Conde (de Foudauld, o vinho), e assim passar as horas até que o sono viesse. Fui na geladeira com o toco de vela grudado numa tampa de vidro de conserva, abri a porta, peguei o bruto e aí eu vi o gato na área de serviço.

Quase me caguei. Era um gato preto, os olhos brilhavam na luz da vela. Parecia monstruoso (uma barata teria parecido monstruosa para mim, naquele estado de espírito). Miou alto, assustado, e botou sebo nas canelas. Caiu fora, deixando um cara quase borrado tentando acalmar o coração. Claro, na tempestade, o gato devia ter entrado na área para se livrar da chuva, e a droga da sincronicidade conspirou para eu levar um susto enorme. Gato vadio não falta por aqui.

Só que eu moro no nono andar...





A Armadilha

O madrugada andava alta, prometendo um novo dia, a boate já havia acabado e a rua estava mais fria e deserta do que eu lembrava já ter visto. Eu estava pensando com meus botões – depois que usaram pela primeira vez essa expressão, todo botão virou filósofo – que os caras feios deveriam ter algo, uma espécie de direito de nascença a algumas coisas da vida que normalmente estão ao alcance só dos bonitões. Quer dizer, se você é bonito, é fácil. Tem as meninas mais bonitas da escola caindo por você, conhece gente, as pessoas andam tão encantadas com você que não é necessária timidez, o futuro sogro te oferece um emprego, nem bem cê entra na faculdade, essas coisas.

O feio não, o feio é reduzido desde cedo a essa abjeção moral, molusco humano, essa criatura sem jeito, que desfila sua fealdade pelas ruas como se pedisse desculpas, que nunca realizou suas fantasias eróticas e sublimou tudo em livros estranhos. Já que se é feio, deve-se no mínimo afetar inteligência. O feio também anda desarrumado. E bem vestir para embelezar o quê? Feiúra não tem remédio, só plástica, mas cadê o dinheiro para fazer? Não conseguiu o emprego porque se portou na entrevista como um caramujo, que entra na casca qualquer sinal externo de predação. Feio tem é que se consolar com ser feio, e pronto. Assume as roupas remendadas, os óculos quebrados remendados com um pedaço de esparadrapo e as leituras estranhas como estilo, e viva-se com isso. Por essas e outras eu digo: deveria existir uma espécie de compensação por ser feio. Um emprego, mesmo medíocre, reservado, o direito de, uma vez por ano, se trancar num quarto com a menina mais bonita do colégio e fazer o que quisesse com ela, um adicional no salário pelo aleijão estético, essas coisas. Pensando nisso eu ia, e a noite e o silêncio crescendo tanto à minha volta que só não me oprimiam porque – eu sabia – esse crescimento todo ia explodir, desovar no dia que perigava nascer.

Aí eu vi o Diabo. Cachorrão preto, os olhos vermelhos. Parado na minha frente, na sombra de um beco, me encarando. Num

olhar do bicho tudo o que é ruim na minha vida começou a me assaltar. Desde o momento em que quebrei um lápis na cabeça de um colega até os dias atuais. Engoli em seco com uma vontade tamanha que nem sei como fiquei com os dentes de trás. Aí o bicho sorriu. Ce já viu cachorro rindo? Pois é. Nem eu. Mas aquele não era um cachorro, era o Diabo, e sorria para mim. Aquele sorriso zombeteiro, meio cúmplice, que diz "eu conheço você" em cada dente à mostra. Eu puxei um cigarro, acendi e disse:

- Tá bom. Cê me conhece. E daí?

Ele colocou a cabeça de lado, uma orelha erguida.

- Eu também me conheço. Não tem nada de especial nisso. Ah. Tá. Entendi. Esse é um dos lances de me assustar para me deixar desesperado, né?

Silêncio.

- Não? Então deve ser pra me fazer recordar que mau menino eu fui, e chegar à conclusão de que não importa o que eu faça, vou parar no inferno. É isso?

O bicho botou a língua pra fora e começou a resfolegar.

- Ah. O.K. Bom, não deu muito certo, né? Quer dizer, não trouxe nada novo. Eu não entendo essa disputa que cê tem com o Cara de Cima. Nem vejo muito lucro em tentar angariar almas. Sabe por quê? Por que, não importa o que cê faça, ele tem o jogo todo na mão dele.

Rosnado. Bom.

- Onipotente e onisciente, né? Sabe o que vai ser antes de ser, e pode mudar o que quiser. Ce não fica chateado em ser apenas mais uma peça no jogo de xadrez cósmico? Mas é uma realidade inescapável, não?

Dois passos em minha direção.

- Fala sério. Cê deve se achar um verdadeiro otário quando descansa a cabeça no travesseiro, ou estalagmite, o que for. Toda essa rebeldia, essa guerra e no final, acontece o quê? Ce não tem chance desde o começo da história! No final das contas cê vai voltar pro papai com o rabinho abanando, né?

Postura de ataque. Começou a caminhar devagarinho para mim, sempre rosnando.

- Sabe o que a gente diz por aqui? "O filho pródigo à casa



torna." Quer dizer que o cara que sai mais cedo de casa acaba voltando, porque não sabe o suficiente para não se dar mal. Se bem que no seu caso podia ser "o filho pródigo o caldo entorna", porque...

Ele pulou. No mesmo instante, o sol nascendo tocou o corpo preto e o Diabo, com um grito de ódio, se esfumou no meio do salto, a centímetros do meu pescoço. Deu tempo. Pelo menos, deu tempo. Fui pra casa feliz da vida, assobiando como se tivesse visto passarinho verde. Não é sempre que o Diabo cai na sua que nem um patinho.



O Homúnculo



idéia veio num sonho:



Uma vida por uma vida,
Um óvulo para matéria,
A semente para a forma,
Ferva em sangue por dois dias,
No terceiro, o que ali estiver será seu escravo.
Alimente-o com seu sangue, e fará tudo o que desejares.

Simples, assim. Quase uma receita de pão. Claro que o sonho me impressionou, senão nem mencionava ele aqui: só faltaram as três bruxas jogando nojeiras em um caldeirão e rindo para mim.

Resolvi fazer. Sei lá. Tenho um pé na cozinha. Adoro receitas novas. E, depois, tinha parado de fumar e começava a engordar que nem um porco, precisava de alguma coisa para me distrair ou não conseguiria manter minhas mãos desocupadas longe da geladeira por muito tempo. E eu sei que quem escreveu que “a mente desocupada é o jardim do Diabo” não ponderou sobre os efeitos maléficos de uma dieta forçada.

Então, segui a receita. Uma vida por uma vida. Resolvi isso com uma lagartixa preguiçosa, que condenei à morte por não saber pegar mosquitos direito. Um ovo de galinha cuidou da parte da matéria. A minha semente... bom, consegui do jeito normal – foi até gostoso. Já o sangue... pensei em comprar num açougue, mas decidi que, se não pudesse ser feito com caldo de carne, não valeria o esforço. Não queria o açougueiro me olhando estranho.

No primeiro dia a lagartixa dissolveu inteira. Eu não sabia que ossos dissolviam. Aquilo seguiu fervendo, enquanto eu acrescentava mais e mais caldo de carne, até que a condensação deixasse uma crosta do lado de dentro da panela. Uma sujeirada. O cheiro era gostoso, mas – eu, hein? – nem pensei em provar. O ovo, que deveria ter rebentado nos primeiros quinze minutos, estava lá, incólume, olhando pra mim. De resto, estava parecido com uma sopa daquelas que se come em restaurantes caros.

Foram duas noites levantando de duas em duas horas pra ver a mistura e colocar mais caldo de carne (desses de caixinha, nada muito caro). No terceiro dia o ovo rebentou, e aquilo saiu de dentro.

Parecia um feto humano, mas era muito menor, do tamanho de uma barata, completamente vermelho e me olhava com os olhinhos verdes. Guardei num vidro. Naquela noite, antes de dormir, cortei meu dedo e dei de mamar meu sangue para a coisa. Bebeu uns golinhos, arrotou, satisfeito, depois olhou para mim e falou:

- O que você quer?

E essa, agora? Não tinha pensado nisso! As coisas mais loucas rolaram na minha mente, desde "dá um abraço no papai", até "uma cervejinha e não se fala mais nisso". Só que havia algo de desconfortável na maneira da coisa me olhar, então eu pedi simplesmente:

- Me conta uma história.

E ele me contou sobre uma civilização antiga, os guardiões secretos da História, ainda vivos, registrando fatos passados em cavernas, escondidos dos olhos do Homem. Foi legal. Sonhei com aquilo depois.

Essa mesma cena começou a acontecer todos os dias. Através da coisa do vidro eu fiquei sabendo por que os gatos gritam que nem crianças na noite, fiquei sabendo da existência do Livro, que não tinha nome e que era um compêndio dos ritos das religiões antigas, conseguido através da tortura de seus sacerdotes e enterrado por séculos em algum lugar do Vaticano – até ser roubado –, fiquei sabendo do destino verdadeiro da linhagem de Caim, do paradeiro da lança de Longinus (enterrada junto do cadáver de Hitler, história comprida, você não vai querer saber) e do código secreto para ler os poucos grimoires verdadeiros que – pasmem! – poderiam ser adquiridos pela Internet por uma módica quantia.

Nesse meio tempo a coisa do vidro cresceu, ficou parecido com um homenzinho de pele vermelha e olhos verdes, só que com quinze centímetros de altura. Não precisava de água nem de comida (pelo menos rejeitou mais de uma vez umas bolachinhas recheadas que ofereci), se alimentava exclusivamente de meu sangue e pegou a me chamar de "mestre". Sendo que eu ainda não





tinha mestrado em porcaria nenhuma. E também começou a se exasperar com meus pedidos; insistia em me oferecer ouro, favores, palácios, queria pedidos maiores. E, quando eu novamente pedia uma história, apenas virava a cabeça, evitando meu olhar e comentava:

- O Mestre é sábio.

A razão dessa "sabedoria" eu não sei. Vai ver é algo socrático, "só sei que nada sei, e isso me faz sábio perto dos outros, que não sabem nada e acham que sabem algo". A lógica disso tudo me escapa. Eu só gostava das histórias. Cheguei a escrever algumas, para não me esquecer. Porque a danada da coisa se negava a repetir uma história que já me tivesse contado.

A minha dieta também deu certo; nas primeiras duas semanas perdi três quilos. Na outra o cinto foi apertado um buraco. E eu estava feliz com a minha nova mascote. Cheguei até a pensar em comprar uma gaiola e ensinar alguns palavrões pro negócio. Claro que não falei a ninguém sobre ele, e escondia a garrafa em cima do guarda-roupas, tirando a coisa dali só para alimentá-lo e ouvir as suas histórias. Eu mencionei que era um "ele"?

O problema é que o meu dedo estava ficando ruim. Não parava de doer, o corte estava sempre aberto. E as minhas roupas estavam ficando mais folgadas do que a perda de peso indicava que deveriam ficar. Uma noite fingi dormir e vi o coisinha se arrastando de sua garrafa, descendo do guarda-roupas (que nem uma aranhona vermelha, coisa feia de se ver) e procurando o meu dedo. Não me mexi. À medida em que ele bebia umas veias inchadas, como enormes sanguessugas vermelhas se formavam por todo o corpo. Ele pareceu crescer dois centímetros aquela noite e, pela manhã, as barras de minhas calças precisavam de um novo ajuste. O terceiro.

Na noite seguinte peguei sua garrafa como de costume – já quase não cabia mais nela – e olhei para ele com atenção. Pela primeira vez notei sua incômoda semelhança comigo. Ele não era assim dias antes. Dei-lhe meu sangue e, na hora que ele me perguntou o que eu queria, respondi simplesmente:

- Vá para o inferno, filhinho.

Ele deu um grito de ódio enquanto desaparecia. Suas feições ficaram muito, muito diferentes e pude ver pela primeira e última vez a verdadeira aparência da coisa que pretendia tomar o meu lugar. E não era bonito. Pra dizer o mínimo.

A Visita

 ateram na porta bem na hora do Mr. Bean. Claro, nada é sagrado hoje em dia. Levantei do sofá reclamando, comentando pra mim mesmo quem seria o palhaço e imaginando como seria engraçado se fosse realmente um palhaço. Quer dizer, a surpresa da coisa. O inusitado. Se é que se pode chamar assim.

Mas era o vizinho da diagonal de baixo (apartamento em frente ao meu, um andar abaixo), Afonso. Muito pálido, cabelo revoltado, preocupado. Não era a primeira vez que ele aparecia ali em casa assim. O Afonso era um grande cara, em todos os sentidos: era boa-pinta, tinha mais de cento e dez quilos, um bom bebedor, desses que não fica chato, era doutor em picaretagem filosófica (falava de qualquer assunto). Boa companhia, exceto por dois itens em minha lista: gostava de música e brigava o tempo todo com a mulher, a Maggi (não se pronuncia "méguie", é "magi" mesmo. Foi apelidada em homenagem ao caldo nobre da galinha azul.)

A parte da música é fácil de adivinhar: volume alto, uma seleção muito própria de discos de Heavy Metal, praticamente o dia inteiro. As brigas com a Maggi são mais difíceis de explicar. Porque, olhando para os dois, você tem a idéia do casal perfeito, entende? Os dois sempre vestidos de preto, com camisetas de banda, fazendo tatuagens parecidas e tentando engordar juntos até uma gloriosa explosão final. Regados a muita cerveja e som a todo volume. Os dois cabeludos. Barba, só ele tinha (acho). Esse tipo de casal, que é tão parecido que fica difícil diferenciar os dois em uma sala escura.

Agora, viviam quebrando o pau. Coisa feia, de descambar pra violência mesmo. Ela era especialista em arremesso de troços que se encontrassem ao redor. Ele ia mais no corpo-a-corpo. Seguido a música era interrompida pelo barulho de alguma coisa quebrando e um grito, ou de objetos pesados batendo nas paredes (os que ela acertava nele, não ouvíamos daqui. Ele era bem mais macio que a parede.)

Então, não era incomum ele aparecer aqui no mesmo estado, olhar meio perdido, pálido pela explosão de adrenalina e com o

cabelo revoltado, como se tivesse acabado de passar um ciclo econômico na máquina de lavar roupas. Costumávamos conversar um pouco, beber um muito e ele normalmente saía mais calmo, para casa ou para um bar, dependendo da seriedade da coisa. Nunca ficava muito tempo e, normalmente, no outro dia já andavam agarrados pelo elevador ou pela escada, um esfregando os roxos do corpo do outro como se fossem estigmas de amor.

Naquele dia ele estava mais preocupado do que furioso. Eu cumprimentei, convidei-o pra sentar e ele ficou lá, de cabeça baixa e olhar perdido. Já estava até esperando a visita, porque eu e minha senhõura tínhamos ouvido um quebra-quebra há pouco e ela havia olhado pra mim com um jeito sacana e dito que o “meu amigo deveria estar subindo as escadas”. Fazia um tempinho que isso não acontecia, uns meses, já.

Após um tempo regulamentar de silêncio, perguntei o que tinha acontecido, se a briga tinha sido muito séria. Ele só concordou com a cabeça. “Ih”, pensei cá comigo, “isso vai ser demorado. Melhor eu encher a cara dele.” E servi um uísque pra ele e um uísque com água pra mim. Eu não gosto, mas acho bom acompanhar. Ele tomou tudo de um trago e eu, que estava meio dobrado pra sentar na poltrona, tive que levantar pra pegar outro.

A conversa foi diferente: eu perguntava as coisas e ele só ficava ali, parado, olhando para as paredes e suspirando. Então tinha um arranco, como se fosse dizer alguma coisa, depois desistia e continuava quieto. Passou um tempão assim, até a minha esposa chegou e perguntou (pra mim) o que estava acontecendo. Só dei de ombros, não sabia de nada. De repente ele levantou a cabeça, rápido, como se tivesse ouvido alguma coisa, e foi correndo para o banheiro. Bem a tempo, aliás, porque a campainha tocou nesse instante. Era a Maggi. Estava tão pálida e desgrenhada quanto ele, com aquele olhar tão óbvio de quem tá puta da cara que não vale a pena perguntar nem tentar discutir nada. Cê sabe como é.



- Cadê o Afonso.

- No banheiro. Correu que nem um coelho quando te ouviu chegando – sorri. (Sim, eu sei. Sou mesmo.)

Ela levantou a voz, tipo, pro prédio inteiro ouvir...

- Pois FALA pra esse BÊBADO que quando ele sair do banheiro volte pra CASA. Que é o LUGAR dele, não se ESCON-

DENDO no vizinho.

Pisquei o olho pra ela. Ela largou um sorriso daqueles, cruéis. Tipo “nós, eu e você, nos entendemos e eu sei que você é filho da puta”. Tentei devolver o olhar, mas sou uma bolha pra fazer cara de mau. Ela me ganha fácil, fácil.

Aí ela saiu pelo corredor. Fechei a porta.

- Afonso, ela já foi.

Nada. Só faltava o gordo ter morrido de medo no meu banheiro. Eu ia levar um ano pra desentalar ele lá de dentro. Bati na porta.

- Ela já foi.

- A Maggi?

- Não, a Luíza Brunet. Te procurou, disse que de repente tinha dado uma vontade louca de dar pra você, mas, como cê tava ocupado, ela procurava outro. E foi embora.

- Você VIU a Maggi?

- Difícil não ver. Acho que ela pesa mais que você.

Ele olhou pra mim, e eu gelei: nunca tinha visto tal pavor, pavor mesmo, nos olhos de uma pessoa.

- Cara, a Maggi tá morta há quatro dias. Eu matei ela sem querer. Ela começou a quebrar meus discos e eu perdi o controle e acertei ela com o martelo de bife. Mas ela voltou, e eu não agüento mais. Por favor, vai lá dizer pra ela parar de me perseguir...

E foi isso. Tentei acalmar o Afonso um pouco, depois liguei para a polícia. Eu não estava acreditando muito naquela história – um martelo de madeira, esses de bater bife não ia nem arranhar a superfície da Maggi. Mas a polícia confirmou que encontrou o cadáver. Tava no chuveiro deles, fedendo, já. O Afonso foi recolhido para uma delegacia, e de lá direto para o Pinel, porque não estava em condições de muito mais que gritar ou enfiar colheradas de papa na orelha.

Eu? Eu não sei nem por que é que a luzinha acende quando a gente abre a porta da geladeira. Não faço idéia do que aconteceu. Mas lembro da última visita da Maggi, e do seu sorriso, e parece que lembro também de alguma coisa estranha, não-humana quando vi ela andando no corredor em minha direção. A luz estava ligada? Ah, não sei. E prefiro continuar não sabendo disso para o resto de minha vida.



Uma Manhã

inha irmã era um ano e pouco mais nova que eu e me seguia para todo lado, todas as horas. Pare com esse olhar meigo e preste atenção: eu disse todas as horas. Isso às vezes era bom, brincávamos bastante. Mas também me impedia de praticar todas as vilezas e aberrações de que somente um menino de sete anos é capaz. Por exemplo: besouros. Se eu encontrasse um besouro no quintal e pegasse o bichinho, ela assumia naturalmente que eu ia colocar no seu cabelo e saía correndo para casa. Depois voltava seguindo a babá, que me repreendia por estar pegando aquelas nojeiras.

O Bolota era o meu cachorro, meu confidente e meu amigo. Ganhou o nome por ter uma mancha redonda no dorso, mas logo começou a merecer o nome também por seu físico. Nossa intimidade não impedia que às vezes houvesse rugas entre nós. Mas, se eu puxava as suas orelhas, lá ia a minha irmã:

- Manhêê!! O mano tá maltratando o Bolota!

Nova visita da superintendência, nova bronca. Bom, mesmo com sete anos eu sabia – e até ficava lisonjeado – que ela gostava de minha companhia. Mas eu precisava de algum tempo sozinho, e desenvolvi diversos artifícios para isso. Um deles era me esconder em um canto. Durava às vezes meia hora. Outro deles era sugerir uma brincadeira qualquer, entretê-la por alguns minutos e cair fora, de fininho.

Mas um dia surgiu em minha mente um esquema maquiavélico, perfeito: eu iria mandar ela me procurar. Tá, não é original. Eu havia lido em um gibi a frase “vai ver se estou na esquina” e achei uma alternativa viável.

Assim, quando ela chegou perto de mim, eu disse:

- Vai ver se eu estou do outro lado da casa (não podíamos atravessar as ruas e a esquina estava à vista).

- Tu não tá, não. Tu tá aqui.

Merda. Talvez um pouco de convencimento se fizesse necessário.

- Não tou não, eu garanto que estou do outro lado da casa. Vai lá e vê.

Lá foi ela.



Então veio um outro esquema demoníaco: e se eu estivesse do outro lado da casa? Foi pensamento e ação. Corri para o outro lado da casa, cheguei antes dela, e fiquei fuçando o chão. Ela chegou. Eu cumprimentei.

- Oi.

- Oi.

- O que cê tá fazendo aqui? Tá frio na sombra. Vai pro sol.

- Tu me disse pra te encontrar aqui.

- Eu?

- Sim, ali no outro lado da casa.

- Pois vai e diz pra ele que aqui está muito frio pra ti.



Eu não imagino o que estava se passando na cabeça dela, nem se ela achava normal aquilo – por que não? O fato é que ela foi. E eu também, correndo pelo lado oposto. Mas quando cheguei, quase botei o coração para fora da boca: lá estava ela falando comigo.

Quando me vi chegando fiz sinal para que me aproximasse e falei:

- Fica com ela um pouco, eu quero ficar sozinho.

- Não, ali do outro lado da casa está muito frio pra ela.

- Droga. Então eu vou pra lá e você fica aqui com ela, O.K.?

- Eu quero ficar sozinho também.

- Então vamos fazer o seguinte: par ou ímpar.

Jogamos. Eu perdi. Fiquei do lado do sol com a minha irmã. Fomos brincar na areia. Não antes de eu dar uma olhada no outro lado da casa, com muito cuidado para não me ver.

Eu estava do outro lado, agachado, colocando sal em algumas lesmas. Me olhei nos olhos e sorri. Depois eu não entendi o que aconteceu, mas meu outro eu pareceu sumir, se fundir com as sombras, sempre sorrindo pra mim. Já vi e ouvi muita coisa desde então, mas nada que fosse parecido com isso. A não ser a palavra alemã *doppelgänger* – a contraparte fantasmagórica de um indivíduo vivo. Ouvi que isso acontecia às vezes no momento da morte, em que uma pessoa visita os entes queridos, dá mensagens breves. Mas não foi o caso. Não sei mesmo. E, pra mim, assim está bem. Aliás, brincar na areia foi interessante, no fim das contas.

O Livro



 uando a marcha dos Cristãos varreu o mundo, subjugando todas as culturas e demonizando seus deuses e rituais, atribuindo a demônios as manifestações divinas e relegando os escritos sagrados dessas culturas ao fogo – quando escritos sagrados houvesse – o Livro foi criado. Segundo os cristãos, pela mão do próprio Samael; segundo as opiniões dos poucos historiadores que dele tiveram notícia, pelos monges encarregados de relatar os sucessos ou eventuais fracassos das missões empenhadas em salvar as almas incultas.

Em 1819 ou 20, veio ao mundo a primeira notícia do Livro, encontrada por um obscuro historiador de nome Herbert Pratchett nos arquivos do Vaticano. Pratchett era um monge e um asceta, e foi o mero acaso que o levou a descobrir o pergaminho contendo uma breve referência aos escritos. Tratava-se de uma condenação de um monge trapista, de nome Domenico, urgindo que o original fosse destruído, pois sua própria presença na biblioteca representava uma mácula para os cristãos. O motivo desse pedido não vinha apenas do conteúdo sacrílego dos escritos, mas principalmente do modo pelo qual os segredos haviam sido obtidos. Havia referências à tortura dos sacerdotes desses cultos, alguns mais antigos que a escrita, incluindo a evisceração e esfolamento. O monge parecia crer que algumas das páginas haviam sido escritas sobre as peles esfoladas dos adoradores renitentes. Nelas, havia um inventário dos ritos e crenças, os nomes dos deuses e como os infiéis faziam para obter as graças de seus deuses misteriosos e inumanos. Acreditando ter nas mãos o fio de uma investigação que levava a um tesouro antropológico sem precedentes, Pratchett abandonou sua pesquisa sobre as heresias que vinha realizando e tentou se dedicar à busca do Livro.

Quando a notícia de sua inusitada busca – tão diferente do pretexto utilizado para ter acesso aos inumeráveis arquivos proibidos da Biblioteca do Vaticano – chegou aos cardeais encarregados, Pratchett foi impedido de continuar suas pesquisas. Isso não o impediu de escrever a respeito, mas, que se saiba, nenhum de seus escritos sobreviveu a ele, sendo todos consumidos em

um incêndio suspeito no monastério em que vivia.

Anos depois, um fragmento de manuscrito condenando o livro chegou às mãos de um bibliófilo, aparentemente “subtraído” da Biblioteca do Vaticano. Faz menção a rituais bárbaros e a uma língua sagrada de alguma cultura. Também comenta que o livro é inteiramente encartado em pele, e há alguns indícios de que a pele foi torturada, como queimaduras, etc., incluindo várias páginas tatuadas com símbolos, geométricos e estranhos. Tratava-se de parte de um inventário da Biblioteca, e o responsável aparentemente não sabia ou não se importava com o que estava lidando, fazendo apenas uma descrição desapaixonada. Junto, haviam vários livros proscritos (incluindo *A Comédia*, de Aristóteles, que nunca chegou a nosso tempo), a maioria comuns. Provavelmente, uma seção restrita da biblioteca. Afinal, conhecer é poder.



Durante o papado de Bórgia, três cópias foram feitas. Aparentemente, para os filhos do papa. Poderiam ter tirado do livro os venenos. Talvez até a Praga. O rastro dessas cópias desaparece nessa época, embora haja algumas inferências de seus paradeiros, principalmente através de “caças às bruxas” e eventos estranhos. Ocorridos esporadicamente.

Suspeita-se que uma cópia tenha sido adquirida por elementos que formavam a elite das SS, incluindo Hitler em pessoa, e utilizada para garantir o poder. Hitler, apreciando a idéia de um original encartado em pele humana, teria determinado a criação de uma nova cópia, para uso pessoal, com as peles dos judeus alemães mortos nas câmaras de gás, tatuadas ou com tinta de ouro (não se sabe qual das opções é verdadeira, uma vez que o livro se perdeu quando, derrotados, os nazistas recorreram à Odessa e sumiram no mundo, disfarçados).

Se as cópias foram parar em mãos de colecionadores de livros, é crível que não foram feitas mais edições. Quanto mais raros, mais os livros valem. Claro que um bibliófilo poderia pensar diferente sobre disseminação de cultura, então, nada é certo.

Alguns estudiosos menos responsáveis acreditam que Lovecraft teria se inspirado na lenda do Livro para criar seu *Necronomicon*, mas, embora fosse um literato e um estudioso do oculto, nada indica que Lovecraft tenha tido acesso aos dados

de que necessitaria para suspeitar de sua existência. Mas poderia ter sido contatado por um conhecedor, uma vez que seus escritos eram muito lidos.

Pelo menos três bibliotecas alegaram possuir o Livro desde os anos 50, mas, quando a questão foi averiguada, descobriu-se que eram cópias baratas, compilações de feitiços e superstições modernas. Talvez o Livro original também não fosse mais do que isso, mas ao menos os ritos e crenças inventariados eram antigos e reais. Uma das alegadas cópias era uma versão modificada de Capa de Aço, supostamente de São Cipriano. Não se sabe se as bibliotecas foram iludidas por vendedores inescrupulosos ou se o eram os próprios curadores, de modo que não cabe citar nomes. O assunto é obscuro o suficiente, de resto, para não despertar atenção a não ser nos meios especializados – e comerciantes sérios de grimoires e livros místicos raros formam um grupo especializado raro o suficiente para passar praticamente despercebido.





O Boneco

ostalgia é uma coisa boa, se usada com moderação. **N**outro dia eu estava tentando achar uns rabiscos em uma gaveta velha e achei um diário que eu mantinha logo que comecei a escrever. “Vovô viu a vulva da vovó”, coisas assim. Um pouco mais adiante tinha o que parecia ser uma história completa. Até interessante. Mas me atingiu como um torpedo, não tinha a mais tênue lembrança do que eu mesmo narrava, de uma distância de tantos anos. Fiquei nervoso, bebi um copo d’água, caminhei que nem um desvairado pela sala. Depois que me acalmei, achei que deveria colocar a coisa em forma de história, nem que fosse como terapia. Sai mais barato que uma sessão num psiquiatra. Corrigi os erros – muitos –, acrescentei mais alguns, que não sou perfeito, e estruturei a coisa. Mudei a linha narrativa pra criar um suspensezinho básico. Mas o essencial está aí embaixo.

São seis horas da manhã. Faltam só duas. Eu já tentei de tudo para não dormir. Agora estou enfiando as unhas nas palmas das mãos. Já sai sangue, mas isso não pára o sono. E eu não posso dormir, porque sei que não vou acordar. Em vez disso, repasso os acontecimentos em minha cabeça.

Noite de natal. Eu e meus primos fazendo o possível para tornar a vida de todos insuportável com pistolas de água e estalinhos. Até que chegou a hora de abrir os presentes. Eu já sabia o que vinha pela frente: meu pai tinha me prometido o boneco do Falcon, defensor da Justiça, protetor dos Inocentes, a última palavra em boneco de ação. Se você está rindo é porque não viu as propagandas da época. Davam a impressão de que o Falcon vinha junto com um universo paralelo inteiro, cheio de brinquedos bélicos. Educativo ao extremo.

Então abri a caixa do Paladino da Justiça. Era um ruivo barbudo com um colante cinza. Calças camufladas e botinas, mais um cinto cheio de troços que eu não pescava muito, não. Brinquei com o boneco até cansar e ficar quase caindo de sono. Meu

primo ficava me incomodando, jogando água no boneco, e estalinhos que ele dizia serem granadas. Falcon terminou a noite no lugar de honra de minha prateleira de brinquedos, uma clara exceção à regra implícita (para mim) de que brinquedos não precisavam ser guardados, simplesmente se materializavam em seus lugares no outro dia.

Levantei no outro dia com uma guerra na cabeça: eu era alto, barbudo e ruivo, e enfrentava o Mal. Me vesti, peguei o boneco e saí zanzando pela casa, na direção vaga de um provável café da manhã. Quando eu entrei na cozinha, meu primo olhou para mim e saiu, apavorado. Não importava o quanto eu tentasse perguntar pra ele o que é que tinha acontecido, ele não me deixava chegar perto. Ficou a impressão de que eu tinha batido nele. O que era estranho, porque o primo em questão tinha mais ou menos a aparência e consistência de uma parede de tijolos, sendo dois anos mais velho do que eu. Na época isso fazia toda a diferença.

Rápido eu esqueci do que tinha acontecido, um mundo de aventuras me esperava. Metaforicamente. Fiquei no galinheiro, brincando com minha coleção de bonecos (até uma boneca de pano velha, jogada fora por minha irmã, servia como antagonista para o Falcon. Precisava conseguir uns inimigos mais feios). Teve uma hora que uma galinha que recém tinha descascado uma ninhada de doze pintinhos me atacou por estar perto demais, o que levou a tropa Falcon a uma retirada estratégica até perto de uma sanga.

Nada muito ousado, podia ver a chácara (onde a família havia se reunido para passar o feriado) de longe.

Aí aconteceu a desgraça. Um filhote de ovelheiro louco pra brincar pegou o Falcon e saiu correndo. Em minha ânsia para recuperar o boneco acabei puxando da boca do bicho – que ficou ressentido e saiu ganindo. Junto com um braço do boneco. Chorei como se tivesse perdido a minha alma. Depois coloquei um braço de arame e fiz um ciborgue. Apesar dos revezes, não é bonita a forma como a vida continua?



Os passos no quarto. Abro os olhos rápido. Tudo está quieto. Dormitei. Foi como nas outras noites: os sonhos e a impressão de ouvir movimento no quarto. Pequenos pés ba-

tendo contra a madeira do assoalho. Mas não posso, não posso dormir. Nem cochilar. Ou o Inferno virá aqui sob a forma que escolheu. Falta só uma hora e meia. A diferença entre a vida e a morte. Os ponteiros do relógio de parede parecem hesitar em se mover. "Tente", eu me digo, "se concentrar em lembrar. Isso espantará o sono."

No outro dia acordei cansado. Não havia dormido direito. Os sonhos me incomodavam. Quer dizer, sonhar com armas atômicas, guerras contra monstros, tudo bem. Mas o sangue me chocou. Nunca tinha sonhado assim antes. Quando cheguei na cozinha meu primo saiu. Depois do café voltei para o quarto e vi toda a minha coleção de bonecos despedaçada. Sabia que era coisa do meu primo. Mas não sabia o que eu tinha feito pra ele. Ce já teve um coração partido? Felizmente ele não tinha tocado no Falcon, ou eu teria dado um jeito de cagar nos tênis dele. Ah, teria. Passei o dia arrumando os bonecos (foi até divertido, mas isso eu não queria confessar nem pra mim mesmo) e fazendo as pazes com o filhote de cachorro. Uma das tardes gostosas de verão, ideais pra vadiar.

De tarde meu pai me chamou e me deu uma surra. Quando perguntei por quê ele me levou ao galinheiro e mostrou a galinha que havia descascado no ninho, como se quisesse descascar de novo a ninhada. Ela estava sentada em doze cabeças de pintinhos falecidos.

Esta manhã o cachorrinho sumiu.



Só resto eu. O último inimigo. E é tão pouco tempo! Uma hora, não mais. Uma hora acordado. Todos os outros se foram: meu primo foi embora com a família. Os brinquedos que usei como vilões foram despedaçados. A galinha foi punida. O cachorrinho. Sabe deus o que aconteceu com ele. E na janta minha mãe reclamou que estava faltando uma faca na cozinha. Não sei onde ele a escondeu. Seu olhinhos – os horríveis olhos pintados – me seguem cada vez que eu me mexo. Eu entendo que ele precisa não ser visto. E entendendo seu propósito. Amanhã vou queimá-lo. Se... conseguir... manter... os... olhos... abertos.

A Aranha



Dia desses levantei a tampa do meu som e saltou uma aranha de cima do prato do LP. Não costumo desgostar de aranhas – são bichos inofensivos, excetuando-se uma ou duas espécies, e têm a vantagem de comer mosquitos. Claro que as teias encham o saco, mas não é muito justo esperar que os animais mudem sua natureza para nos deixar mais à vontade. Porém essa situação era muito diferente. Coloquei minha mão em seu caminho (ela tentava escapular descendo por uma teia) e amparei-a na palma da mão. Levantei a outra, pronto pra dar o tapa e esbravejei:

- Como ousas, vil aracnídeo, trançar tuas maliciosas teias em meu som? A morte é a punição para este pecado!

E já ia acabar com os dias dela, quando ouvi aquela vozinha vindo da boca(?) da aranha:

- Não, meu senhor! Tende piedade! Sou uma aranha mágica. Se me pouparem a vida, te ajudarei três vezes em momentos de necessidade.

Sei lá, me pareceu uma troca justa. Deixei a bichinha ir, com a condição de que não se entocasse mais no meu som. Escolheu um lugar no canto do teto e a deixei ficar por lá. Dois dias depois, de saída, chamei a aranha e pedi:

- Dá uma limpada no apartamento pra mim. A roupa suja está do lado da mesinha no banheiro. Volto mais tarde.

Meio sem jeito, a aranha desceu de sua teia até mais ou menos a altura de meu rosto e me explicou que aquilo não era possível, uma vez que não era uma questão de necessidade. Eu não precisava que ela limpasse o apartamento, pois podia fazê-lo eu mesmo, se quisesse. E assim a magia dela não funcionava. Fiz uma careta de desgosto e concordei. Afinal, não sou exatamente um perito em aranhas mágicas, qualquer coisa que ela dissesse me pareceria plausível. Saí mesmo assim e, no outro dia, fiz uma faxina no apartamento, tomando o cuidado de deixar a teia dela intacta.

Os dias foram passando, e às vezes ficava pensando em algo de que eu necessitasse realmente para pedir à aranha. Confesso



que fiquei impressionado com a riqueza de minha vida. Pensei em pedir um carro, muito dinheiro, até umas modelos taradas, mas cada vez que eu examinava o pedido eu percebia que aquilo não era necessário. Que tudo o que eu queria e ainda não tinha era supérfluo. Olhava os comerciais com novos olhos, desprezava a maioria das coisas anunciadas. Me senti muito agradecido à aranha por isso, e cheguei até a colocar umas mosquinhas na sua teia. Cerca de um mês depois do incidente do som a minha avó adoeceu. Coisa feia, ninguém sabia o que era ao certo. Arrumei as malas e me preparei para sair. Quando já estava deixando o apartamento lembrei de pedir à aranha:

- Eu desejo que a minha avó fique boa de novo.

A aranha me olhou, os olhinhos brilhando de admiração. Desceu novamente a teia até a altura de meu rosto e falou:

- Ah, se minhas crias tivessem teu bom coração! A verdade é que as aranhas não ligam muito para maternidade ou paternidade. Nem ascendência ou descendência. Algumas de nós se alimentam do cadáver da mãe, assim que nascem!

Respondi que aquilo era realmente muito triste, mas que eu não tinha nada a ver com isso:

- Sai ou não sai? – finalizei, ligeiramente puto.

Ela abanou a cabeça tristemente:

- Lamento muito. Mas não é de minha natureza entender isso como uma necessidade tua. Isso é, sim, a consumação do ciclo da vida, algo por que devemos todos esperar e até ansiar. Assim as aranhas vêem a morte.

Eu não tinha tempo para discutir. Fiz uns comentários a respeito do que eu pensava dos antepassados da aranha e saí. Fiquei fora quase um mês, que foi o tempo que levou para a velha se restabelecer. Quando voltei para meu apartamento estava cheio de hospitais e não podia mais ver gente de branco na minha frente. Telefonei pra uns amigos, combinei de encontrá-los num barzinho bem legal, tomei um banho daqueles de arrancar verruga, me vesti, me perfumei e fiquei de bobeira, esperando a hora de sair. Não tinha mais pensado na aranha, só lembrei quando vi ela ali, estourando de gorda. Chamei-a e ela desceu. Fiz meu pedido:

- Empréstimo dez aí.

Ao perceber o olhar estupidificado do bicho reagi, quase por reflexo: antes que ela pudesse balbuciar uma desculpa, achatei-a entre as palmas. Fui ao banheiro, lavei as mãos, como Pilatos, e saí para o bar, de alma leve. (Só me arrependi depois, quando lembrei que podia ganhar uma fortuna com uma aranha falante. Mas, inútil como era aquela nulidade mentirosa, bem capaz de nem saber falar em público.)





O Topo

Neste ponto você deve estar me considerando um puta mentiroso ou uma espécie de ímã para coisas estranhas. Se isso for verdade, você provavelmente está certo. Tive a fortuna de nascer em uma data e hora estranhas: sexta-feira 13, à uma e treze da tarde (13:13). O quarto do hospital era X13 (não lembro do andar, mas se você for considerar as coincidências até aqui, devia ser 313). E lembro de ter lido uma vez em David Copperfield que antigamente acreditavam que as crianças nascidas na sexta-feira 13 veriam fantasmas e poderiam conversar com eles, uma dessas coisas que ingleses bêbados inventam. Então, se você está buscando uma explicação de algum tipo, pode atribuir a isso. Pessoalmente, acho que tem mais a ver com sincronicidade – que é o nome científico da “coincidência”, com alguns firileques por trás. Tais coisas acontecem porque há um padrão ainda não entendido do qual faço parte. As coisas conspiram para acontecer.

Ou você pode continuar pensando que eu sou um puta mentiroso.

Agora, considere isso: e se, numa dessas histórias absurdas eu te apresentasse ao conceito de um copo assombrado? Pois foi. (Não me batel!!) E não era um copo qualquer, era um “martelinho”, aqueles pequenos que os bares e boates têm de rodo mas usam pouco, apenas para doses sem gelo ou como medidor de alguma outra coisa. Por que é que um “martelinho” não é um copo qualquer? Ah, aí não sei explicar. Sei que aquele não era. Mas estou me adiantando – pra variar.

E agora eu vou ter que introduzir você para alguns de meus maus (cacofônico, né?) hábitos, quando saio à noite. Meu consumo de destilados é normalmente restrito à caipirinha. Acho a maioria das bebidas que passa por alambique amarga, sem graça e intoxicante demais. Mas logo após à tardinha, quando a noite é jovem e o dia frio, às vezes me animo a tomar uma dose de tequila (com limão e sal) para “limpar a garganta”. Quando a festa promete, quando não estou dirigindo, quando me convém. Daí, uma noite dessas, pedi uma tequila e aconteceu de eu reparar que o

barman me serviu no único copo verde que tinha na prateleira. Até fiz um comentário engraçadinho a respeito, que ele respondeu com um sorriso profissional e chateado demais para qualquer esperança de entabular uma conversação.

Aí coloquei o sal no punho, chupei o limão, dei umas bochechadas naquela coisa, virei a tequila na boca, meus olhos se encheram de lágrimas e engoli. O mundo deu duas piruetas, como de praxe, senti as bochechas inflamando, pensei que ia explodir e fiquei louco por uma cerveja. Fiz sinal para o barman, acenando pra ele com a consumação.

E ele derrubou o copo que estava segurando. Todo mundo olhou pra ele, me fitando como se estivesse olhando para uma alma chamando por ele de dentro do Inferno. Aí todo mundo me olhou. Pensei em entrar pra baixo da cadeira, mas aquilo provavelmente só iria fazer ainda mais gente me olhar curiosa. E fiquei ali, petrificado, com a consumação entre os dedos. Meus olhos deviam estar tão arregalados que fiquei surpreso em não ter dado uma olhada na minha cara pelo lado de fora. Aí todo mundo voltou às conversas, o clima pareceu reaquecer, e eu olhei de novo pro barman.

Levei um susto. Ele estava do meu lado, olhando pra mim como se eu tivesse pedido que ele acendesse meu baseado. Ou como se ele tivesse decidido que eu era a mulher da vida dele, sem reparar na careca e no cavanhaque. Ele balbuciou:

- M-mário?

- Ah, não. Essa é velha. - Respondi.

- É você?

- Não, eu sou o Sunda, me pergunta por quê.

Aí ele agitou a cabeça pareceu se tranquilizar e atendeu o pedido do cara que estava do meu lado. Claro que fiquei puto, mas, dada a reação anterior dele, não protestei. Vai que ele pegasse um facão debaixo do balcão e vestisse uma máscara de esquí...

Continuei acenando com a consumação. Ele continuou me ignorando. Até que eu estava agitando a coisa como se fosse um sinalizador para orientar o pouso de aviões. Aí ele chegou pra mim, mal-humorado:

- Sim?

- Eu imploro uma cerva.



- O.K.

Eu já nem estava muito a fim de beber, mas insistindo por princípio. Ele voltou com a long neck e olhou pra mim de um jeito estranho (de novo). Será que ia me passar uma cantada?

- O que você fez?

Meu sangue gelou. De repente senti uma necessidade bárbara de confessar que eu não tinha defendido meu amigo Bolota quando ele foi acusado de comer as galinhas do vizinho (era um cachorro, tá? – e o “comer” era com a boca mesmo.) e condenado à morte. Felizmente, não fiz isso.

- Como assim?

- A história do disfarce.

- Cara, eu não sei do que cê tá falando. Sempre fui feio assim. Ele me olhou engraçado, depois olhou para o relógio:

- Você vai ficar até o fim do show?

Pior que tavam tocando música. Nem tinha reparado, com a irritação por não ser servido. Aliás, o show tinha toda a cara de ser bom.

- E se eu ficar?

- Eu quero conversar com você.

- Olha, não me leva a mal, mas eu sou hetero...

- Somos dois. Não tem nada a ver com isso. Você pode ficar?

Se não eu te dou o telefone daqui...

- Eu fico.

Preferia não assumir compromisso.

Então, tá. O show era legal. Beatles, principalmente, e outros clássicos do Rock. Logo que acabou o pessoal começou a evacuar o bar. Tinham boates a frequentar, e o bar não ficava aberto muito mais. Aí o barman chegou, com camiseta e jeans em vez do uniforme azul e cinza, e sentou do meu lado. E me contou uma história.

Parece que a galera do bar tinha uma vida divertida. Depois que o trabalho encerrava, eles se juntavam e bebiam os intestinos pra fora. Sempre era alguma coisa boa, não o que serviam para os clientes. Um dia, bêbados, resolveram jogar o “jogo do copo”. E a coisa tinha funcionado. Só que em algum ponto deu merda, ele não mencionou o quê exatamente, mas parece que o “espírito” do copo queria as bolas deles, então alguém levantou o copo e, na hora, faltou luz.



Admito que eu também teria levado um cagaço, mas o fato é que um cara, chamado Mário, tinha morrido em um acidente aquele dia. Era ele o cara que tinha levantado o copo. Que, por sinal, ficou verde.

“Tá e daí?” Daí que, depois que eu tomei a tequila, quem o barman tinha visto em meu lugar era o tal Mário. E ele me propôs um teste: mais uma tequila, por conta da casa. Neguei veementemente e saí dali.

Até parece. De graça, até ônibus errado... tomei o troço e novamente o cara me olhou como se estivesse apaixonado por mim.

- Mário, é você.

- Cara, não viaja. Estou me vendo no espelho. Não mudei nada, não.

Mas dois outros garçons do bar tinham começado a gritar. Bom, pra resumir a ópera, consegui sair ileso, sem buracos de bala (um cara chegou a puxar um revólver que estava escondido embaixo do balcão), e deixei todo mundo estupefato lá. Todos me viram como o tal Mário, por mais infame que seja o nome. E foi consenso geral tirar o copo da prateleira, porque quebrar metia medo em todos eles. Todos se perguntavam por quê o troço era só comigo. Bão, nem eu sei. Mas pode ter alguma coisa a ver com o início deste texto. Cheguei a imaginar se o Mário não teria uma esposa gostosa que eu pudesse visitar com o copo e uma garrafa de tequila, mas não parecia uma coisa sobre a qual ser leviano.

O mais perto que consegui chegar de uma resposta foi o conceito de “epicentro”. Alguém fornece a energia psíquica necessária para a manifestação sobrenatural. No caso, eu, bebendo do copo. Mas nunca tinha acontecido antes. Se quiser que eu seja mais claro, vou dizer com todas as palavras: não sei. E ficamos assim.



O bom foi que, até tudo ser constatado, bebi um monte de graça. E nunca mais voltei, nem sei se tiraram mesmo o copo.

Peta (I)

 Universo é cheio de mistérios e leis imutáveis de que a Física sequer suspeita. Uma dela diz que o encontro “casual” com velhos conhecidos (repare: eu não disse “saudosos”) só acontece quando você está sozinho.

E foi numa sorveteria. Se fosse num bar a coisa teria sido mais suportável. Mas estava prestes a encher as minhas artérias de bobagens ricas e doces, acompanhadas de sorvete de nozes (eu adoro), quando sinto a mão do Destino em meu ombro. Viro e não era o Destino, era o Peta. Grande como a vida. Duas vezes mais feio. Umas quatro mais sujo, mas isso era normal nele: ainda estava no ramo da mecânica, e não há sabão áspero o suficiente para remover completamente traços de óleo queimado das unhas de um sujeito. (Corrigi a palavra “sujeito” aqui. Tinha saído “sujeiro”. Ato falho...) Umas oito mais chato.

Começou a me perguntar pela minha vida, se horrorizou ao saber que eu tinha juntado as escovas de dentes com a minha propriedade, queria saber o quanto eu estava ganhando e em meus planos para o futuro. Falou de seu negócio, de prospecções imobiliárias, invejou pessoas que estavam ganhando rios de dinheiro. Depois tentou falar de sua vida sexual. Aí eu lembrei de como podia me livrar dele sem usa violência, bastava perguntar o que aconteceu em determinada noite da vida dele. Isso correria com ele mais efetivamente que se eu puxasse uma arma e comentasse que “não lembrava se tinha uma bala ou se já tinham ido todas. Ele se sentia com sorte?”

Agora, pra você entender isso eu vou ter que contar a história do apelido do Peta. “Peta” é a contração de “chupeta”, e com isso não me refiro ao troço usado para calar a boca dos bebês, e sim ao ato de sexo oral. O apelido completo era “Chupeta de Fantasma”. Como não dava pra falar isso em certos recintos, foi contraído para “Peta”. É, eu sei. Apelido estranho.

Teve uma época em que o Peta estava com uma oficina em uma cidade do interior que havia acabado de receber uma universidade particular. Isso quer dizer “expansão”, “lucros”. A alta rotatividade de clientes na oficina fazia com que ele viajasse até

a cidade vizinha para comprar peças, em vez de encomendá-las como fazia até recentemente, porque demoravam muito a chegar. De costume ia de tarde e voltava à noite com as peças necessárias.



Numa dessas noites viu uma figura parada no meio da estrada. Era uma moça, muito bonita, vestida de branco e sem qualquer tipo de luz na volta. Sentiu um arrepio percorrer a espinha, e passou direto. O problema é que a desgraçada dessa moça pareceu se fixar nele, aparecia todas as vezes que ele passava por ali. Um dia ele criou coragem e parou do lado dela:

- Posso ajudar em alguma coisa?

- Pode me dar uma carona até a cidade? Meu pai e minha mãe estão preocupados e não sabem o que aconteceu comigo, eu tenho que ir até lá avisá-los.

Ele engoliu em seco, e abriu a porta. Ela entrou rápido demais para ele se sentir confortável. Quero dizer, rápido mesmo. De não se ver como. Eles partiram.

Quando estavam chegando em uma curva, uns setecentos metros adiante, ela simplesmente abaixou em direção a ele, abriu seu zíper e começou a chupar o pau do Peta. Ele ficou abismado, mas deixou acontecer. Dirigiu mais alguns minutos assim, recebendo uma chupeta gostosa, e percebeu que estava chegando uma curva perigosa. Tentou tirar a garota dali, mas não conseguiu. E gozou durante a curva, na boca dela. No instante do clímax percebeu que um caminhão vinha do lado errado da pista, em sua direção. A luz dos faróis deixou tudo muito difícil de ver. Peta pensou "Tou morto", e entregou tudo na mão de Deus.

Claro que ele não morreu, senão não tinha me encontrado na sorveteria anos mais tarde. No instante seguinte ele estava sozinho no carro. Nem sinal da menina, sem sinal do caminhão. Conseguiu, a custo, evitar uma capotagem, só pelo susto. Parou o carro até conseguir parar de tremer, depois voltou pra cidade viajando a alguma coisa entre dois e cinco quilômetros por hora. Quase se cagou quando aconteceu.

Mais tarde ele descobriu que havia acontecido quase igual com um casal, três anos atrás, na mesma curva em que ele viu o caminhão-fantasma: a moça parecia ter se sentido romântica na estrada deserta, estavam indo devagar, ela enchendo a boca e ele ten-

tando se concentrar na estrada. Quando um caminhão apareceu no lado errado da pista. BUM. Três pessoas mortas. A história virou como que uma piada por ali, porque com o choque a menina (era nova, uns dezessete anos) tinha literalmente engolido o pau do cara e teria sufocado com aquilo se não tivesse tido a parte de baixo do seu corpo amassada até parecer uma torta de morangos. Todo mundo morreu na hora.



Peta (II)



Qua ma boa história de terror terminaria aí em cima, mesmo. Sem problemas, apenas uma noite, um susto, algo pra levar para o resto da vida e passar adiante. Só que isso aqui não é uma história de terror. Pelo menos, não uma boa.

O Peta continuou a ver a moça fantasma. Acho que porque não morreu ali. Cada vez que ele passava pelo trecho à noite, ela estava lá. E ele começou a pegar ela de novo. Toda noite que ele viajava pela estrada a mesma coisa: pegava ela, era chupado e depois vinha o caminhão fantasma. Ele nem se preocupava em desviar. Sabia que era só uma luz na noite, pouco mais estranha que um peido colorido, sem substância. Também sabia que a moça que estava ao seu lado não era mais humana, nem remotamente. Mas sua boca era quente e molhada, e ele não se importava. Até que um dia ele resolveu ir adiante com a "moça". Ele não estava mais nem um pouco assustado. E parou o carro no trajeto, para tentar comer a moça fantasma.

Uns dizem que o que ele viu do seu lado foi o que a polícia encontrou nos destroços do carro dos noivos, anos antes. Outros que foi algo de natureza diferente. Chegaram a ir atrás do Peta no banheiro pra ver a menina tinha devorado as partes dele. Não tinha. Mas ele mudou. O cabelo dele começou a mostrar sinais grisalhos de uma hora para a outra, e em dois anos ficou completamente branco. E durante meses ele olhava para você com um jeito vazio, incapaz de tirar da cabeça o que quer que tenha visto.

Ele nunca comentou o que aconteceu com ninguém.

Daí, na sorveteria, só o que eu tive que fazer foi perguntar a ele:

- Mas me diz uma coisa, Peta, que eu tenho curiosidade de saber: o que foi que houve aquela noite na estrada? Cê comentava tudo com a gente, depois daquilo ficou calado... hein? Que aconteceu?

Imediatamente ele fechou a cara, lembrou que tinha ficado de dar banho no gato da sobrinha e saiu de minha vida. Espero

que definitivamente. É, eu sei que foi um golpe baixo. Também sei que ele deve ter se sentido infeliz. Mas, se você está pensando nisso, manda seu telefone que eu envio pro Peta e ele entra em contato com você. Só faça uma anotação mental de como mandá-lo embora, caso precisem, senão ele gruda em você que nem chiclete e pode acabar morando na sua casa. E não diga que não avisei.



O Velho

ra um dia frio de inverno, um desses em que o sereno começa a aparecer já no fim da tarde e o sol parece ter olhado para baixo, acordado e ido o mais distante possível da cambada de malucos do planetinha azul. Também era dia de jogo de futebol, embora o sol, o sereno e eu não pudessemos ligar menos significado à coisa. Mas acontece que um amigo tinha chegado à cidade e, em vez de ficarmos em casa tomando vinho quente com canela e conversando (como sugeri), ele resolveu que era imprescindível que saíssemos e observássemos o movimento da rua. Um desses caras recém-divorciados que resolvem se considerar um presente de Deus para as mulheres e recuperar o tempo perdido, você conhece o tipo.

Aí, acabamos no segundo andar de um bar, ouvindo os gritos do térreo, onde estavam projetando o jogo em um telão. Eu não entendia como as pessoas podiam sair de casa em uma tarde daquelas para assistir vinte e dois caras tentando colocar uma bola através de quatro traves e se carneando no processo. Mas eu sou eu, e eles são eles. Uma filosofia que até então ninguém havia contrariado. Mas o mais chato não era o meu amigo fazendo olhares para meninas da metade da idade dele, nem os gritos que vinham de baixo. Era o velho.

Óculos de tartaruga, um enorme sobretudo preto, cabelo e barbas brancas e uma testa que daria pouso a mosquitos de qualquer capacidade de carga. Ficava bebendo e gritando “carpe diem” a espaços curtos de tempo. Às vezes erguia a caneca e brindava em nossa direção. Eu, hein?

A coisa seguiu assim por mais ou menos meia hora, até que decidi erguer a taça na direção do velho, também, e brindei a resposta para a frase dele:

- Memento Mori.

CRASH!!!

Era a caneca do velho quebrando no chão. Me amarro numa onomatopéia. Ele só ficou nos olhando com aquela cara espantada de quem vê pela primeira vez um prato de sushi, imóvel. Claro, comecei a me arrepender. Não tinha sido bonito. Mas fora



instintivo, quase. Enquanto o velho gritava “aproveite o dia”, eu tinha respondido “lembre-se que morrerás”. Mas era a resposta, não era? As duas filosofias discordantes. Só que “memento mori” não deveria ser usada em um bar, ainda mais com um senhor que não precisava lembrar que “memento mori”. Pensei em pedir desculpas. Mas ele levantou e se dirigiu à nossa mesa:

- Você é da ordem?

- Não. Eu sou do caos. Sabe, tem essa teoria: a ordem tende a degenerar em caos, enquanto o caos sempre vai crescer a níveis mais complexos de entropia. Daí, acho que é melhor ficar do lado que está vencendo...

- Quero dizer da ordem dos segredos.

- Hã... não!

- Ah, desculpe. É que era uma das senhas que nós usávamos. Antigamente.

- Arram...



Tá, eu ia dizer o quê, então? Aliás, qualquer um que tenha visto meu quarto sabe que não sou muito de ordens... Depois, se comesse a concordar com o velho era capaz de ele me convidar a sacrificar uma cabra qualquer dia e eu, embora goste de churrasco, não valorizo muito o sangue. Exceto em morcilhas.

Mas era tarde: reminiscências tinham assaltado o cara:

- Sabe... nós nos reuníamos nesse lugar, tempos atrás. Esse bar nem tinha sido construído.

- Arram.

- Buscávamos conhecimentos perdidos. Vida longa, influência... mas já faz muito tempo...

- Arram.

- (Acho que esse velho tá a fim de ti.)

- (Calaboca.)

- Enfim, todos se foram. Só fiquei eu. Mas descobri algumas coisas no caminho...

- Arram.

- Bom, eu já vou indo. Prazer em conhecer vocês.

- Arram.

E foi isso. Dois meses depois meu amigo me liga, apavorado, dizendo que achou uma foto do velho, e eu sugeri que eles se procurassem, não existe essa história de certo ou errado, se duas

peessoas se gostam. Daí ele apareceu com uma cópia da foto no outro final de semana, e datava de quase dois séculos atrás. Era o velho, embora a barba não estivesse tão comprida, nem tão branca. A legenda dizia: A Ordem dos Segredos – 1812. Dissidentes do positivismo no Rio Grande do Sul, com viés místico, a seita desfez-se e desapareceu na história.

Talvez por uma boa razão. Fica difícil esconder a imortalidade se você fica aparecendo na história toda hora. Voltei ao bar depois. Até enxerguei o velho outras vezes. Mas preferi não me aproximar muito. E você, faria o quê? Ademais, a ideologia positivista sempre pareceu com algo que o gato cospe no tapete, pra mim. Nem quero ouvir falar da dissidência.



A Coisa do Portão

ra uma noite escura e tempestuosa¹. Daí, o pessoal que sempre aparecia no barzinho da cidade não havia comparecido. Seis pessoas, contando o garçom e a cozinheira. Eu estava com um amigo no bar, tinha mais dois fulanos em uma mesa. E só. Falávamos imbecilidades – específicas e em geral – e coisas como porque os porcos têm asas, quando a porta abre (uma cena linda: o vulto parado na porta, chuva batendo lá fora e um raio ilumina a silhueta do cara, emoldurada pela porta; achei que só acontecia em filme).



Era um conhecido de todos ali. A cidade era pequena. Ele respondia pela alcunha de Piru, nunca tive a coragem de perguntar o motivo. Normalmente era risonho, tinha um jeitão engraçado, quase que só ossos e cabelo. A diferença hoje é que estava pálido que nem um trabalhador que recebe a conta de telefone no final do mês, com uma cara de louco que descobriu um espelho. E tremendo que nem roupas num varal num dia de vento. Tá, tá bom, eu paro com as comparações. Mas que ele estava de assustar, lá isso estava.

Os dois caras que estavam na mesa se levantaram, preocupados, e ajudaram ele a sentar, o que achei um exagero, mas tudo bem. Ele tremia tanto que, quando vieram com uma dose de qualquer porqueira, ele mal conseguia segurar o copo. Virou aquilo num gole só, e pediu outro. Virou de novo. Outro. E teria ficado nisso, bebendo um copo atrás do outro, até desmaiar e fazer uma viagem pela feliz terra dos bêbados assustados – se não fossem as insistentes perguntas do pessoal a respeito do que, afinal, tinha acontecido pra deixar ele naquele estado.

Ele reuniu a coragem que tinha pra contar a história.

“Sabe a casa velha do fim da rua? Aquela abandonada?”

“Que foi do Pernilongo, aquele cara que matou a família e está preso na capital?”

¹ Um clássico começo de história de suspense. A frase foi escrita por Edward Bulwer-Lytton em 1830, mas se tornou famosa por ser a primeira linha de todos os romances pretensamente escritos por Snoopy, nas tiras de Schultz. A coisa ficou tão popular que foram feitas duas coletâneas dos piores contos produzidos em todos os tempos, e foram intituladas “Era Uma Noite Escura e Tempestuosa” e “A Noiva de Era Uma Noite Escura e Tempestuosa”. Se não me engano. É reconhecidamente um dos piores jeitos de começar uma história. (N. do A. – o A. sabe das coisas. Quería saber quem é esse fulano.)

“Isso. Essa mesma.” (Eu comentei que a cidade era pequena e que todo mundo conhecia até os cachorros pelo nome?)

“Sei.”

“Pois é.”

E bebeu mais uma golada. Pediu outro. Não deu mostras de continuar. Nesse ponto eu e meu amigo – que estávamos no bar – tínhamos nos aproximado pra ouvir a história. Seria um plano do Piru pra beber de graça? Mas ele continuou, depois de uma looonga pausa:

“Eu estava passando ali na frente. Vinha pra cá. Sabem que o portão está todo enferrujado, mas que abre por qualquer coisa. Aí, estava batendo no vento. Eu fui lá e fechei. Só que, quando fui fazer isso, reparei que tinha uma figura no pátio da casa. Toda coberta com um véu. Carregava um troço embaixo daquela rouparada toda, e parecia uma criança.”

“Cê fechou o portão?”

“Fechei. E aquele vulto tava no pátio da casa.”

“Vem cá, aquele portão abre por dentro?”

“Não sei. Por quê?”

“Cê pode ter prendido uma pessoa lá, cara! Vamos lá soltar ela. Ainda mais se tá com uma criança...”

“Mas vem cá, tu não tá me ouvindo, porra? Era um **VULTO ENVELUDADO** com uma **BONECA** no colo! Nem sei se era uma pessoa!”

“Não era uma criança?”

“**PARECIA** uma criança. Mas vem cá, que diferença faz?”

“Faz que cê deixou uma criança – duas, se não for uma boneca – presas na chuva com um tempo desses. Vamos lá abrir o portão!”

O cara já ia se levantando na direção geral da porta (estavam bebendo). Como ninguém mais se mexeu, ele instou que levantassemos nossas bundas gordas e o acompanhássemos. O Piru estava de mau humor.

“Eu posso terminar de contar antes? Aí cê vai entender melhor.”

Ele sentou de novo. Brabo. O Piru continuou a história:

“Quando eu vi a figura eu gritei “**Ô!!!**”. Ela se virou pra mim. **E COMEÇOU A VIR EM MINHA DIREÇÃO!!!**”

“Natural, cê chamou, ela respondeu. Cê deixou ela sair?”



"Calaboca, Magáiver. Vamos ouvir o cara. Que cê fez, Piru?"

"Eu saí correndo..."

"AH, NÃO! Assim também é demais. Vamos lá agora!"

"...mas toda vez que eu olhava pra trás, na rua, ela estava atrás de mim. Andando. E eu correndo."

"Cê corre que nem uma porca velha, Piru."

"Mas não tinha como! Vocês não entendem? Eu correndo e aquilo andando?"

"Não sei, eu tou com o Jonatas. Uma lesma te pegava na corrida. Lembra aquela vez que cê tacou uma pedra em cima de um telhado e o dono saiu..."

"Eu tou DIZENDO que não tinha como, porra! E cada vez que eu parava, aquilo parava também. E começou a fazer uns barulhos de choro. Quase me mijei."

"Viu? Então era uma criança mesmo! Peraí, cê abriu o portão?"

"Hein?"

"Cê abriu o portão? Como foi que a pobrezinha saiu?"

O Piru parecia ter sido eletrocutado na cadeira. Ele não tinha pensado nisso.

"Não sei. Acho que a coisa atravessou o portão."

"Pára de chamar a criança de coisa."

"Pára você de chamar a coisa de criança, Magáiver. Porra, que troço chato! Tou dizendo que não era uma criança há horas..."

"Cê também vive dizendo que comeu a Sidinha, mas ninguém sabe de nada a respeito. Nem ela."

"Não tem nada a ver! Essa coisa do portão estava vindo pra mim, e eu segui correndo até aqui. Ela está na porta, agora. Esperando por mim."

"Magáiver..."

"Eu."

"Como é que cê sabe que a Sidinha não sabe nada sobre ela e o Piru?"

"Perguntei pra ela outro dia."

"Tu não presta. No mínimo tá querendo pegar ela."

"Ué, e daí?"

"Mas vem cá, nenhum de vocês está prestando atenção no que



eu estou falando? Tem uma coisa lá fora!!!”

“Tem um monte de coisas lá fora.”

“Tá, mas eu tou me referindo a...”

“Árvores, pedras, um monte de coisas. Até algum calçamento, se cê olhar a rua com atenção. Agora, aposto que não tem nenhuma assombração nem ali fora nem em lugar nenhum. E vou mostrar pra vocês.”

Quem estava falando era o Magáiver. Ele levantou, bebeu o resto do conhaque dele em um gole grande, estremeceu todo e saiu pela porta. Ato contínuo, um grito horroroso cortou a noite. Era o Magáiver. Ninguém pôde se mover por um momento, aí todo mundo correu pra porta. Mas o Magáiver estava entrando de novo, todo embarrado.

“Caí.”

“Ah, que merda!” Gritou o Piru. “Cê assustou todo mundo!”

“Viu alguma coisa?”

“Não.”

“Ótimo!” Era o Piru, de novo. Puto da cara. “Eu vou me embora! Prefiro enfrentar a assombração do que ficar aqui com vocês. Tchau.”

E saiu porta afora, pisando forte. Aí um ruído estranho congelou o ar à nossa volta. Era tênue, mas todo mundo admitiu ter ouvido, depois. Um choro, um lamento. Mas foi só por um instante, porque ouvimos o Piru dizer “Sai da frente! E não vem atrás de mim. Já avisei.” e seguiu o seu caminho. Tava brabo, mesmo. Não sei como era essa coisa do portão, mas ela foi esperta. Eu também não gostaria de encarar o cara naquele estado.



Um Grimoire



Tava conferindo um sebo esses dias e achei um desses livros que são figurinhas difíceis. Daí, resolvi me gabar pra você. Parece que cê gosta de ler, então vai entender a alegria boba que bate na gente quando acha uma coisa dessas. Eu, por exemplo, tenho só três aquisições de que me gabar: duas edições de *El Llano en Llamas*, uma em português e uma em espanhol, e uma biografia do Mário Vargas Llosa assinada por ele. Todos em boas condições e todos adquiridos por menos de quinze pilas, cada. Sei lá, vai ver, dou sorte com livros que têm duplo "l" na capa ou nome de autor.

Mas sempre gostei de visitar sebos. Não apenas por às vezes encontrar raridades (umas até desconhecidas pelo vendedor, garantia de bom preço), como também para ver o que está sendo lido por aí, normalmente os livros na vitrine. As livrarias não dão muitas pistas disso, pois apresentam edições de luxo, best-sellers em publicação atual e outras coisas que só colecionadores e/ou especialistas gostam de ler. As bancas de revista e sebos são mais confiáveis como indício.

Daí, acabei achando o livro que comentei aí em cima. Na verdade uma coletânea muito boa de contos fantásticos de um autor bem conhecido, mas também – eu sabia – um grimoire codificado. Apreendi sobre essas coisas escutando as histórias de um homenzinho engraçado, que dormia toda noite num jarro e me contava todas as histórias que eu pedia. Se leu tudo até aqui, sabe do que eu estou falando. A verdade é que muitas coisas acontecem comigo, e, se até agora escapei incólume, é porque não ligo muito pra essa coisa de misticismo. Sou uma espécie de Mr. Magoo: caminho no vale da sombra da morte e não noto o vale, confundo a sombra com uma poça d'água e peço um trocado pra Morte. Mas tenho certeza de que, se tivesse a mínima intenção de realmente usar as coisas em que tropeço quase sempre, já teria me dado mal há muito tempo. E talvez seja justamente porque não estou muito interessado que tropeço nelas com essa frequência.

Sabe como é o velho ditado: o melhor lugar para se esconder

uma folha caída é uma floresta. Está ali, bem à vista, mas é impossível de distinguir de todas as outras folhas que ocupam o chão. É assim com os livros de magia. Qualquer interessado costuma buscar livros de receitas para simpatias, teologias estranhas, horóscopos e tal. Culinária feita com sapos, asas de morcego e cocô de dragão. No entanto, poucos estão dispostos a empreender o esforço necessário para conseguir algum conhecimento efetivo da coisa. E esse esforço se resume à leitura quase incessante do tipo certo de livro.

E, porque sou um diletante, e porque gosto de ler, e principalmente por meu encontro com o tal homenzinho, tenho algumas pistas que me levam nessa direção. Só não as sigo. Porque aprendi que o preço é alto, as aventuras não são lá essas coisas e o perigo é enorme. Confie em mim: você se diverte mais numa noitada com sua turma do que na busca de universos além da percepção cotidiana.

Mas, se ainda assim estiver curioso, posso recomendar algumas coisas, dar algumas dicas. Não a chave para a leitura: isso é coisa que você tem que descobrir por seus próprios meios, sejam eles quais forem. Disso o homenzinho me avisou. Mas algumas leituras, alguns pontos de partida.

Lovecraft, Huxley, Bierce são leituras legais e, ao mesmo tempo, provocativas. Escondem muitas coisas que são completamente inofensivas se você não está disposto a brincar. Castañeda e Borges são mais perigosos, mas descem bem, desde que você não faça os exercícios propostos. Eu não faço. Aleister Crowley é definitivamente perigoso, e não recomendo a você, a menos que seja um diletante, como eu. Certas coisas não devem ser levadas muito a sério, sob pena de se tornarem sérias. A mesma coisa para Leary. E não chegue muito perto de peyote, cogumelos ou qualquer outra coisa com esses textos na cabeça.

Não procure muito sentido em pentáculos, anagramas ou nomes de deuses antigos. Concentre-se na geometria, na matemática e na física. Fractais não são apenas boas idéias para tatuagens, explore isso. Einstein e Hawking são perigosos, fique longe deles, a menos que esteja envolvido no ramo científico. Nesse caso, eu recomendo. Ficção científica, livros de horror, todos eles são bons. Não porque contenham informações essenciais,



mas porque abrem seus olhos para outras coisas.

Magia é questão de perspectiva, apenas insights sobre as coisas que podem ser, atrás do véu da realidade, ou coisas que poderão vir a ser. O código não é apenas usado por experts em magia, ou conhecimentos ocultos, é uma ferramenta de que muitos se servem inconscientemente. Porque é uma maneira de ir além. Mas já falei demais sobre isso. O importante é que você saiba que as coisas são, na maioria das vezes, exatamente o que parecem ser. E a lição mais valiosa que eu poderia dar aqui seria não ir muito além disso.

Tá bom, tá bom. O livro que eu comprei foi Contos, de Borges, e a história à qual me refiro, em particular, é Tlön-Ackbar, Orbius Tertius. Mas, se eu fosse você, não a leria com seriedade demasiada. Há um preço. E pode ser alto.

De resto, comprei o livro por cinco pilas. Bom, hein? Apos-
to que você está louco de inveja de mim. E era essa a minha in-
tenção, desde o começo.



O Espelho (I)

ior que – descobri depois – não era o espelho, era a moldura. O que me levou à conclusão de que quebrei cem reais em espelho antigo, mas estou me adiantando. Como sempre.

Sérgio andava no ramo de apropriação indébita. Segundo ele. O resto do mundo diria “roubo”, mas isso não o preocupava. Eu não me envolvia em nenhum dos seus esquemas, não ajudava de jeito nenhum, e tolerava a presença dele mais porque era um bom papo, e isso não é muito fácil de achar. Era um bom amigo. Mas eu não convidaria ele pra minha casa sem primeiro trancar a gaveta dos talheres.

Um dia ele chegou com um papo diferente:

- Quer comprar um espelho?

- Claro, estou disposto a pagar cinco reais a mais do que você pagou por ele.

- Não, sério. Quer comprar?

Isso me dizia – achei – tudo o que eu precisava saber a respeito da origem do tal espelho. Dispensei na hora. Duas cervejas depois ele voltou a me perguntar. Aí eu fiquei meio chateado, salientei que já tinha pedido que ele não me envolvesse nos rolos que ele aprontava, e tal...

- Mas é legítimo, dessa vez. Sério.

Suspirei. Ele não ia desistir.

- Tá. Me conta a história, então.

Eu não entendia como é que ainda contratavam o cara pra fazer reformas. Quer dizer, ninguém notava as coisas que pareciam se desintegrar sempre que ele estava por perto? Mas o mundo é um lugar misterioso, basta olhar as declarações de impostos para constatar isso.

O fato é que ele tinha sido contratado para reformar uma casa antiga, que tinha sido comprada com o propósito de fazer um bar avant-gardé, perto do centro da cidade. Coisa fina, muitas velas, cores estranhas nas paredes, pedaços de tecido aqui e ali, som alternativo e bebidas a um preço absurdo. A principal função dele era transformar paredes em pilares, para aumentar o



espaço do salão sem comprometer a integridade estrutural do lugar. E não imagino como confiavam nele pra isso, mas isso não vem ao caso.

Fixado em uma dessas paredes estava um espelho antigo, muito grande, com uma moldura bonita. Dava pra ver que era um artigo de classe, mas o dono parecia não prestar muita atenção nele, então acabou indo parar no caminhão do Sérgio. Quase o rumo lógico dos acontecimentos. A diferença é que o Sérgio tinha pedido, dessa vez.

Aí, estava me oferecendo a preço de banana: cem reais, contando o frete. Eu aceitei, relutante, pensando em como os princípios morais de um homem se esvanecem quando entra dinheiro na jogada. Mas estava precisando de um espelho, e aquele parecia ter uma origem legítima. Pendurei o troço na parede do quarto, o que foi muito aplaudido por minha proprietária (não era pra mim; minha figura não é lá essas coisas, daí nunca gostei muito de espelhos). E a coisa ficou assim.

Mas eu fico muito tempo no computador, e numa dessas tardes comecei a ouvir os sussurros. “Ah, não”, pensei, “paranóia com alucinações auditivas, bem como o psiquiatra disse que perigava acontecer”. Mas fui investigar a fonte. E – adivinha? – era o espelho. Cada vez que a luz batia de um jeito diferente (não me pergunte de que jeito, que nunca consegui descobrir) os sons saíam lá de dentro. Eu não conseguia juntar nada daquilo em palavras, mas sabia que eram vozes. Nesses momentos uma paisagem diferente da do quarto podia ser intuída nos reflexos do espelho.

“Olha só”, pensava comigo, sempre que acontecia, “estou pronto pra dar de testa no espelho tentando passar pra Terra do Pirulito, que nem a Alice”. Precisava me tratar. Mas uma consulta era mais cara que um espelho, e eu tinha uma leve desconfiança que me livrar do espelho implicaria em minha castração – a patroa tinha gostado -, então deixei tudo como estava e me concentrei em ignorar os fenômenos sempre que aconteciam perto de mim. Eventualmente, distraído, acabava até respondendo os sussurros:

- Calaboca.

Ou coisa assim, até que um dia estava calçando uns carpins,





perdi o equilíbrio e me apoiei no espelho.

Ou melhor, tentei me apoiar, porque bem naquela hora um raio de luz bateu do jeito especial e, quando a minha mão encostou no que seria a superfície não tinha espelho nenhum ali. Só o vazio. E vou dizer uma coisa pra você: se esse não foi o tombo mais lindo que eu levei em toda a minha vida, chegou perto. Porque o espelho estava perto de um morro, do outro lado, e eu fui rolando pela grama até lá embaixo. Acabei tapado de barro, sentindo dores em lugares que eu nem sabia que eu tinha. Quando olhei pra cima lá estava ele: um retângulo brilhante parado no ar, a altura do chão mais ou menos a mesma em que o espelho estava pendurado.

Corri morro acima e me atirei de novo pra dentro do retângulo de luz. Bati, voltei e rolei tudo de novo, com um novo e charmoso corte na parte interna do lábio, onde minha cabeça tinha acertado a superfície dura. Na raiva, peguei uma pedra e taquei no troço. Errei feio. Taquei outra e acertei. A pedra bateu e voltou. E outra. A mesma coisa. E outra.

Opá!

A pedra sumiu no retângulo. Subi de novo e tentei (com cuidado), passar para o outro lado, mas não consegui. Vai ver só funcionava quando a luz estivesse do “jeito especial” lá no meu quarto. O jeito era esperar e ir tentando. Acontecia quase sempre que um carro passava refletindo o sol embaixo da janela, não devia demorar muito.

Enquanto isso, fui dar uma olhada no lugar em que estava. Parecia uma floresta, mas tinha uns troços muito estranhos, cogumelos enormes, flores que se mexiam sem o vento, uns pássaros que pareciam umas tesouras, não dá nem pra tentar começar a descrever o lugar. E cada árvore parecia viva, de tanta coisa se mexendo, dentro e fora delas. Fadas, vermes, sílfides, borboletas com cabeça humana (pequena, claro, proporcional ao tamanho da borboleta, senão eu teria dito “cabeças humanas esmagando corpinhos de borboleta”). Isso só pra começar a descrever.

Estava apoiado no espelho, bobo com tudo aquilo, quando de repente o apoio sumiu e eu caí de costas para dentro do meu quarto. Bati com a cabeça na estante, que ficava perto do espe-

lho. Depois de tecer vários elogios aos antepassados do troço, levantei e vi: A porra da pedra tinha quebrado um dragão de madeira que tinha me custado duzentos pilas na loja de tralhas. E eu nem lembrava que tinha atirado. Pra piorar a situação, eu estava de meias embarradas, sujando tudo. Melhor fazer uma faxina antes da patroa chegar. Tomar um banho, também. Levei uma hora pra arrumar tudo. Pior que a única coisa que eu conseguia pensar era que, se eu pegasse o Sérgio numa quebrada dessas, ele ia passar um tempo comendo de canudinho...





O Espelho (II)

 tempo passou. É uma mania que ele tem. Durante dois meses fiz o possível para ignorar os sussurros da terra fantasma atrás do espelho. É uma coisa prudente: eu tinha visto uma parte pequena daquele mundo, ou dimensão, ou o que quer que fosse. O que não queria dizer que não houvesse perigos do lado de lá.

Mas chegou a época de férias, e isso normalmente atíça a vontade de viajar. Como eu não tinha dinheiro nem pra ir até a esquina, que dirá uma praia, começamos (eu e minha senhóra) a buscar opções baratas de lazer. O que se resumia em ir acampar no interior ou chatear parentes melhor localizados. Como nenhuma das perspectivas era lá muito agradável, esperei até que minha esposa fosse visitar a irmã em uma cidade vizinha, abri a janela pra entrar o máximo de luz possível (estava ensolarado), esperei até que o movimento dos carros estivesse bom e entrei na moldura. Precisava explorar o mundo atrás do espelho, nem que fosse um pouquinho, pra checar a possibilidade de um feriado longe da cidade, a custo nenhum.

Saí no mesmo morro de antes, mas estava preparado, e não caí. Com cuidado, descí a encosta e entrei no meio das árvores. O cenário ali era bucólico e comum, se você resolvesse não contar as flores gigantes ou cogumelos que fariam a felicidade de qualquer hippie do mundo. Quase todas as árvores tinham ocos, e dentro dos ocos havia criaturinhas rindo, observando ou fazendo outras coisas. Fiquei uns minutos ouvindo um sexo selvagem e sorrindo que nem um idiota. Depois me afastei. Quando cheguei a uma clareira, ouvi um diálogo. Fui olhar o que era.

Duas lesmas cor de sangue – pareciam línguas gigantes, nojentas – disputavam uma corrida. Os sons que ouvira eram o de bichos e coisas torcendo. Ninguém pareceu dar muita bola pra mim. Sentei pra assistir, e um mosquito pousou no meu ombro. Já ia esmagar o bicho quando ele virou pra mim e perguntou:

- Dá licença?

- Claro.

Decidi poupá-lo. As criaturas em volta da corrida variavam

entre bichos comuns (tirando a parte de falarem que nem gente) de cores estranhas e mesclas que fariam a felicidade de Bosch. Ou o horror. Havia misturas de bichos com utensílios domésticos, gente com bichos, utensílios domésticos com acessórios sexuais, tudo. E torciam como se suas vidas dependessem da corrida. “Vai, vai, vai!!!” “Cuidado, ele está tentando te apertar na curva!” “Acelera! Acelera agora!”

A corrida estava ficando chata. Eu estava ali há vinte minutos e as lesmas pareciam não ter saído do lugar. Ai levantei e saí dali. Aquela gente (???) não devia ter muito o que fazer. Andei um pouco mais pela mata, e vi que o lugar era repleto de sinais, indicando localizações. O problema é que as localizações eram “Ali”, “Lá”, “Mais adiante”, “Você está aqui” (essa apontava para o chão), e coisas assim. Passei por um canteiro de girassóis de óculos escuros e bengalinhas brancas, que não acompanhavam o sol. Mais uns minutos de caminhada me levaram até um cogumelo particularmente grande, e isso quer dizer mais ou menos do tamanho de uma casa. Tinha um bicho em cima.

Tá, cê adivinhou. Eu também suspeitei de cara. Era uma lagarta, fumando narguilé. O problema é que não era aquele bicho engraçadinho que a gente vê no desenho, e sim um troço enorme, nojento, peludo e inchado, com uma boca obscena de um lado e um sfínter duplamente obsceno no outro. Sem pernas nem pés. Aquilo me olhou com fome, chupando a fumaça. E jogou um fio de seda em minha direção. Escapei a tempo. Pirei dali.

Em uma clareira próxima descobri que o meu relógio tinha parado. Isso, ou não funcionava ali. Tinha dois gordinhos brincando de esconde-esconde. Quer dizer, ACHO que eram dois gordinhos, porque suas faces eram um pênis, acoplado com testículos e tudo, e uma vagina. Corriam daqui para ali, o enorme falo balançando e a vagina dando risadinhas entrecortadas. Parecia não haver regras na brincadeira. Os dois tateavam seu caminho, sem poder ver um ao outro. A vagina fugia, o falo procurava pegá-la. Eu estava enojado, mas resolvi ajudar.

- Mais pra esquerda, Pinto.

Eles pararam a brincadeira na hora. Ficaram parados, cegos para qualquer movimento, até que ouvi a voz apavorada da Vagina.



- Si-lên-cio. Você não pode acordá-lo.

Quase não pude ouvir. Foi um sussurro muito baixo. Respondi no mesmo tom de voz:

- Acordar quem?

- O Rei Vermelho – Pinto falou – isso tudo aqui é o sonho do Rei Vermelho. Se você acordá-lo, nós todos vamos desaparecer.

O pavor na voz de Pinto me incomodou. Estava claro pra mim que ele mal podia controlar sua histeria por alguém ter falado alto perto do Rei Vermelho, ou o que quer que fosse. Fiquei curioso.

- Onde está o Rei Vermelho?

Vagina apontou para uma árvore, onde havia alguém encostado.

Mas não era simplesmente alguém. Era o Rei Vermelho. Tinha uns três metros de comprimento (estava deitado no chão), vestia roupas de seda vermelha e estava completa e irremediavelmente podre. Vermes dançavam em suas entranhas, tinha urubus por todo canto. Quase não agüentei o fedor, quando cheguei mais perto. Aquele definitivamente não era o lugar ideal para férias.

Voltei ao morro, me encostei no quadrado luminoso, à espera que algum carro passando proporcionasse a luz certa do outro lado. Depois de alguns minutos, pude sair novamente para o meu quarto. Estava claro que não poderia mencionar à minha esposa o que acontecera. Aí a idéia me atingiu: e se ela caísse para o outro lado? E se ela encontrasse a lagarta, ou visse Pinto e Vagina quando um conseguisse pegar o outro? (Eu não tinha certeza, mas imaginava o que poderiam fazer nesse caso...) E se ela caísse e não conseguisse voltar? Falando nisso, e se EU não conseguisse voltar da próxima vez?

Não, aquilo era perigoso demais pra continuar ali. Melhor inventar uma história (estava limpando o espelho e escapou do prego, coisa assim) e me livrar da ameaça o mais rápido possível. Assim, quebrei o espelho, juntei os cacos e joguei no lixo. Levei um pito da patroa quando ela voltou, mas ela resolveu usar a moldura para pendurar um quadro (essa é outra história, eu chego lá). E me condenou a comprar outro espelho. Logo.

Era isso. Grande aventura, hein? Entre mortos e feridos, todo

mundo de salvou. Também não cheguei a ver nada que me tirasse o sono de noite. Mas achei interessante, e que talvez você gostasse. Só não conte pra minha mulher. Ela ia ficar puta se soubesse que quebrei o espelho de propósito.



O Outro Jogo



Sabe aqueles velhinhos que gostam de jogar damas na praça? Pois é, o que chamou a minha atenção é que esse não era um daqueles. Ele jogava xadrez. Sozinho.

Eu estava ali pra visitar as bancas dos camelôs, à procura de tocas ou chapéus legais, porque o fato de eu raspar a cabeça me torna suscetível ao frio e à chuva gelada, mas não sou chegado a coisas com marca. Mania minha. Não vou comprar uma camiseta pra anunciar um produto ou uma grife que não me paga royalties, a mesma coisa com bonés. A próxima coisa que vão sugerir é tatuagens com marcas. Sempre que vejo pessoas usando camisetas assim me vem à mente a expressão "stupid men suit"... mas, como eu disse, é mania minha. Sou cheio delas.

Como não achei o que estava procurando, saí em busca de um sorvete italiano. Daí passei pelo velho. Mais uma das coisas que você pode querer saber sobre mim: adoro xadrez. Não jogo tanto quanto poderia, mas gosto de jogar. A minha patroa costuma dizer que, depois que aprendeu a jogar xadrez, o jogo de damas perdeu a graça pra ela. É mais complexo, imaginativo, e um exercício de pensamento e planejamento. Pelo visto, o velhinho concordava comigo. E, se a paixão dele pelo jogo era tal que ele se dispunha a jogar sozinho, quem era eu pra contrariar?

Até podia ir ali, convidá-lo pra jogar e perder uma ou duas partidas pra ele. Jogo mal, mas com empenho. Daí reparei em uma outra coisa: o velhinho era mais velho do que eu tinha pensado. Sabe aquela idade em que a pele pára de enrugar e alisa de novo, como se fosse um papel que ficou fino por ter sido esticado e dobrado muitas vezes? Era a impressão que ele me passava. A pele manchada, muito magro, o nariz e as orelhas enormes (que são coisas que vão crescendo)... dava a impressão de uns noventa anos.

Vai ver, estava achando que jogava com alguém, ou coisa parecida. Sentei perto, fiquei olhando com curiosidade. Pior que ele não parecia estar prestando atenção ao jogo, estava olhando para o lado, distraído. Quando sentei, me notou na hora.

- Oi.

- Oi.

- Gosta de xadrez, hein?

- Gosto. Mas não jogo muito bem.

Ele concordou com a cabeça.

- Eu fui campeão. Durante um tempo.

- Ah...

Não sabia o que comentar. Ele parecia estar perdido em memórias. Ele continuou:

- Eu até leio muitas notícias sobre xadrez. Teve aquele cara que jogou com um computador, uns anos atrás...

- O cara que venceu o Deep Blue?

- Isso. Estratégia óbvia. Achei meio básico o jogo. O computador tinha muitos jogos importantes na memória. Ele pode calcular rápido, mas se você usar uma estratégia não-linear, pode vencer sem problemas.

- Eu não cheguei a acompanhar o jogo. Só as notícias.

- Um diletante, então?

Eu não teria me definido melhor. Um diletante. Aliás, um diletante em quase tudo. Concordei.

- Isso. Quer jogar uma partida?

Ele me olhou com surpresa, depois deu uma risadinha.

- Não, não posso agora. Estou no meio de um jogo, e preciso de concentração.

Claro, as peças estavam dispostas no meio de um jogo. Vai ver, ele jogava por correspondência. Não cogitei e-mail, porque ele não parecia capaz de operar qualquer coisa mais moderna que um computador a vapor. Concordei com a cabeça e fiquei olhando as pedras.

- Um jogo com um amigo?

Ele riu.

- É. Acho que Você pode chamar assim. Um velho amigo. O único que me restou.

É, ele era velho. Mas podia jogar com muita gente, inclusive gente mais velha. Eu ia sugerir um clube de xadrez, mas ele continuou com a divagação, e fez meu queixo cair de uma forma que pensei que teria que catá-lo do chão sujo.

- Eu tenho duzentos e trinta e sete anos.

Tá bom, ele devia ter escapado de algum lugar. Mas tinha



uma convicção na voz dele que não me deixou duvidar. Pelo menos, não muito. Pensei em pedir um documento de identidade. Mas tinha disso, duzentos anos atrás? Ele continuou:

- Eu posso ver que você está surpreso. E não me admira. Mas a coisa é mais comum do que você pensa. Conheci um cara que alegava ter mais de quinhentos anos. Era de um tipo de sociedade secreta...

- Ordem dos Mistérios?

- Isso. Você conhece?

- Ouvi falar.



Aliás, o tal cara era um baita mentiroso. Duzentos anos no máximo. Eu havia encontrado um fulano da Ordem uma vez. A tal ordem nem existia há quinhentos anos. Vai ver, estava só se gabando para o velhinho.

- Pois é. Ele disse que achou o segredo pra enganar a morte. Me convidou para me juntar a ele. Mas eu tenho meu próprio jeito.

- Eu imaginei. Não importa qual sua qualidade de vida, duzentos anos é demais pra alguém durar naturalmente.

- Ah, mas eu duro naturalmente. Não recorri a nenhum tipo de misticismo.

- Tá. Confesso: agora cê me pegou. O que cê fez pra durar tanto?

Daí que eu vi. A peça do jogo de xadrez se mexendo sozinha. Eu fiquei olhando um minuto inteiro, pra me certificar do que tinha visto. Era real. Estava em outro lugar. Não, não tinha vento, nem nenhuma outra peça tinha sido movida. Se satisfizer sua curiosidade, era um bispo. Preto.

O velho parecia ter esquecido tudo a meu respeito. Estava olhando o tabuleiro, concentrado no jogo. Pirei dali. Não precisava de nenhuma outra explicação. Cê já assistiu "O Sétimo Selo"? Dá uma olhada, e vai saber do que eu tou falando. A coisa nem era tão assustadora. Mas eu não gostei nem um pouco de imaginar o que estava ocupando o assento na frente do velhinho. Aliás, não quero mais falar sobre isso.

A Pintura

ão, um belo dia bateu na veneta de tentar a pintura. Como hobbie, passatempo, jeito de expressão e pura frescura, mesmo. Mas desistimos logo, não antes de um episódio de que não vou dar muitos detalhes porque é o que vou narrar a seguir e não quero estragar a surpresa. E a razão de desistirmos foi que a minha patroa não queria pendurar bonecos de pauzinhos nas paredes (ela não é exatamente um primor no desenho), nem as coisas estranhas que me batia na cabeça pintar. Entre elas uma figura bem passável de Dom Quixote, branco sobre um fundo preto, chamado "Dom Quixote de La Mancha – Mas sem a Mancha" e que eu insistia em pendurar de cabeça pra baixo, e um grotesco feito com base no Capitão Pickard, de Jornada nas Estrelas. Os dois quadros estão em casas de amigos, agora.

Mas ela apareceu um dia com uma pintura muito legal, parecia que ela tinha enchido a boca de tinta de todas as cores e espirrado em cima da moldura. O tom que reinava era o preto, mas as cores de misturavam em padrões interessantes, vários significados podiam ser intuídos dali. Eu gostei. Juntei pedaços de uma moldura velha que tinha guardado na estante, juntei tudo e ficou com uma cara de obra de arte que era capaz de valer uns pilas, se resolvêssemos vender. A tela era bacana. A moldura era bacana. Ficou um quadro bacana.

Penduramos na sala. Eu não me cansava de olhar para o negócio. A verdade obscura sobre a arte era a de que minha esposa tentou desenhar um padrão floral, depois, não conseguindo, pegou uma mão cheia de preto e espalhou por cima da tentativa. Mas eu conseguia ver as flores ali. Assim como conseguia ver um monte de coisas mais.

Na verdade, dependendo do ângulo no qual a luz incidia sobre o quadro, as cores pareciam mudar, se mesclar e dançar. Eu sei, eu sei. É o que a luz supostamente faz com todas as pinturas. Mas – confie em mim – o efeito era diferente. Cada vez que eu olhava, embora o padrão original estivesse visível, sugestões de outras coisas começavam a aparecer.





Demorou eras geológicas para eu entender o que estava acontecendo. Era a moldura. Eu tinha guardado de um espelho que levava para a Terra do Pirulito (ou o que quer que fosse – mas não era engraçado nem infantil por lá, tanto que acabei quebrando o espelho), achando que o problema estava nele. Mas, aparentemente, não estava. Percebi isso quando notei que um dos padrões mostrava aquele outro mundo que eu havia visto por trás do espelho. Cada parte dele. **TODO** ele. Ao mesmo tempo.

E, como eu li Borges, entendi o que aquilo queria dizer. Ou achei que entendi, e acabei desenvolvendo uma explicação lunática. Era um Aleph. Um ponto de onde se vê todos os outros pontos. Uma ferramenta para a omnivisão. Eu não sei como a magia na moldura tinha reagido com a pintura, mas aquilo havia deixado de ser um portal para se tornar uma janela. Do outro lado estava tudo.

Bom, eu não tinha nada contra ver o mundo da minha sala. Aliás, achei até bem divertido, na maioria das vezes. Presente, passado, futuro, tudo se alternava sem muito controle. Eu vi políticos transportando dinheiro sujo para contas em paraísos fiscais. Vi uma mulher sangrando o pulso para alimentar o filho, na África, por estar sem leite e sem perspectivas. Vi shows da Broadway, cheios de magnificência e promessas eróticas, e seus bastidores, com jogos de sexo, pressão e drogas subjugando as estrelas.

E, quanto mais eu via, menos eu gostava. Parecia que toda a realização humana tinha algo podre por baixo. Toda grande conquista parecia se erguer sobre corpos de inocentes ou ser fruto do mais puro desespero. Eu vi as alucinações dos loucos, jogados fora de uma sociedade porque não podiam participar dela, e assim marcados como incapazes; vi cada jóia da terra, feitas artesanalmente sobre corpos de mineiros trabalhando em condições desumanas. Vi o processo de fabricação de cada perfume famoso e as barbaridades nos campos de flores, na caçada de baleias. Como em toda obra de arte havia gente lucrando sobre as costas do artista, que muitas vezes não ganhava o suficiente para comer. Vi idéias se transformarem em cults, pagando royalties para os estampadores de camisetas, criadores de grifes, e isso embrulhou o meu estômago.

Foi o Alan Moore quem escreveu, ilustrando o processo da vida, que o Mal é como a terra pútrida que fertiliza a semente da virtude, e é desse mal que a virtude floresce, mais forte. Na época, achei uma descrição tão sensível que senti vontade de puxar as barbas do cara, só de inveja. Mas ali eu só via a podridão da terra.

Eu vi você, seus hábitos e seus pequenos crimes, mesquinhos, vi seus pensamentos escondidos e passei mal. Mas nunca vi o seu amor, sua piedade ou a maneira que você sorri – idiótica – quando está apaixonado. No Aleph, vi todo o excremento do mundo e nenhum sorvete. Vi meu Nêmesis, olhando direto para mim, e soube que ele me via também. E isso me deixou acordado à noite.

Até que eu percebi que o ponto de vista da coisa era tão negro quanto as imagens que me permitia ver. Não havia lugar para felicidade dentro daquela moldura. Nem lugar para a beleza, ou a inocência. Eu nunca tivera uma visão muito colorida da humanidade, mas jamais pensara nela da maneira que o quadro me mostrava. Não era um Aleph, afinal, apenas uma pintura que me mostrava o lado negro de tudo.

Você quereria alguma coisa assim? Eu comprei um pôster com a foto de um casal de lobos cinzentos e coloquei no lugar. Lobos são legais: fiéis até a morte, caçam animais doentes, adotam crianças (Tarzan é uma exceção, são os lobos que adotam mais crianças perdidas... e não sei o que você quer dizer com "Tarzan não existiu".. eu vi ele no quadro, copulando com uma macaca...). Lobos são bacanas, achei uma moldura bacana. Ficou bacana na sala.

O quadro está fechado na única parte da estante que pode ser trancada, junto com os restos da moldura e um retalho queimado de tapete. E vai continuar por ali, até que eu decida o que fazer dele. Sempre que abro pra dar uma espiada, me certifico que ainda está ali – tenho medo só de pensar o que essas coisas fariam nas mãos erradas, provavelmente matar qualquer um que tentasse usá-las sem saber com o que estava lidando – eu vejo meu Nêmesis. Às vezes está dirigindo, às vezes comendo, às vezes olhando direto para a moldura. É igual a mim. E cada vez mais perto.



O Vampiro



“...á, e daí?”



O cara estava me olhando como se eu tivesse sugerido uma valsa, ali, no meio da farmácia.

“E daí que eu quero um calmante, porra!” Eu estava fora de mim. E nem tinha bebido nada. O atendente ergueu um dedo na minha direção. Quase me esquivei.

“Calma.”

“Tá, vamos recapitular: eu cheguei aqui e pedi um calmante. Seu dedo é um calmante? Porque eu não vou chupar isso. Não sei onde andaram essas unhas.”

“Eu vou chamar a polícia.”

“Beleza. Pode me conseguir o que eu pedi enquanto a polícia não chega? Eu não estou tentando assaltar a farmácia, quero comprar um calmante!!!”

“Precisa de receita.”

O resultado foi engraçado: por um momento achei que ia quebrar a vitrine e tentar degolar o cara com algum pedaço fortuito. Mas senti uma sensação de impotência, uma inutilidade em tudo aquilo. Murchei que nem um balão. E pior que, uma vez que me acalmei, o cara foi solícito.

“Me explica de novo. O que foi que aconteceu?”

“Vampiro. Me atacou no metrô.”

“Não, sério, o que aconteceu?”

Suspirei. Colocar os pensamentos em ordem. Explicar para o fulano que quer chamar a polícia. Ei, não é tão fácil como parece se você está nervoso. Senti um movimento no bolso da jaqueta, como um celular no modo de vibrar. Mas não era um celular. Era o motivo pelo qual eu não podia me dar ao luxo de ficar agitado demais.

“O.K. Eu estava no metrô.”

“Sim.”

“Aí um cara senta do meu lado. Sabe aquele tipo de cara que pode comer um boi em cada refeição e continua magro que nem a fome? E mais feio, ainda?”

“Sei.”

"Tá bom, guarda isso. Sabe aquele tipo de cara que cê imagina chegando em casa e alimentando os urubus dele? Que só falta carregar um guarda-chuva em dia de sol? Com aquele tipo de bronzado que o pessoal ganha depois de ficar na solitária por mais de mês?"

"Hã..."

"Típico urucubaca. Aquele cara que cê tem vontade de cutucar e avisar que morreu faz tempo?"

"Não, não posso dizer que eu conheço ninguém assim."

"Claro, cê trabalha numa farmácia. Se ficassem avisando as pessoas que tinham morrido seu trabalho diminuiria, logo, é tudo uma conspiração contra mim."

"Eu acho que VOU chamar a polícia..."

"Dessa vez, estou de acordo."

O pior que acontecia era eu ir preso, mas isso não é muito pra quem quase foi morto. Mas tava na cara que o atendente não queria se incomodar. Ele ficou olhando pra mim por um tempo. Depois buscou uma caixinha de remédio. Titubeei. Nervoso como estava, a última coisa que eu queria era me superdosar.

"Espera. Não dá pra me vender só um desse negócio?"

Ele sorriu.

"Só com receita."

"Vamos ter que começar de novo?"

"Escuta, você já parece mais calmo. Tem certeza de que precisa disso?"

Os meus músculos estavam relaxando, toda a minha vontade de brigar tinha sumido.

"Pra falar a verdade, acho que gritei com você até me acalmar. As farmácias deviam patentear isso."

Ele deu risada. Eu comentei:

"Vocês atendem ataques de vampiros todo dia aqui? Estou impressionado com o jeito com que ê lidou comigo."

"Não, ataque de vampiro é o primeiro. Mas vem muita gente nervosa."

"Ah. Bom, acho que vou indo. Me meter debaixo da cama com a luz acesa e um colar de cebolas, só pra garantir."

"Não é alho?"

"Depende. Mas acho que as cebolas fedem mais. Ou cê já cho-



rou cortando alho?”

“Você me deixou curioso. Como foi o tal ataque do vampiro? Um cara tentou te morder, na rua, ou coisa assim? Dá muito pervertido nessa zona da cidade...”

Tava mais que claro que ele me considerava um deles. Mas não quis comentar o assunto. De qualquer jeito, tava doido pra contar a história.

“Não, o pessoal pensa em mordida, e coisa e tal. Mas vampiro não é assim não.”

“Ah, não?” Quem visse acharia que o atendente estava conversando com uma criança de seis anos.

“Não. Isso é mais uma coisa criada com Bram Stocker, que se baseou num conde verdadeiro, com passado sangrento. O vampiro tradicional é diferente. Ele não bebe sangue, chupa a energia da pessoa. E a pessoa que é atacada por um vampiro vira um outro tipo de coisa, não um vampiro. Um ghoul.”

“Eu vi o Drácula de Bram Stocker. Um filme muito legal.”

“Eu tou falando do livro. Enfim, o pessoal se baseou no ghoul pra fazer essas histórias de mortos-vivos que comem a carne das pessoas. Mas o ghoul antigamente era só um fulano que se alimentava de cadáveres, vivia nos cemitérios, e tal. Depois umas lendas sugerem que o ghoul era o que sobrava de uma vítima de um vampiro.”

“Eu não sabia que tinha um livro do Drácula.”

“Bram Stocker que escreveu. Ou cê achava que era o nome do diretor? Mas, enfim, o vampiro era um ser desses, sugava energia, só. E tem o vampiro tradicional chinês, também. Ele é cego, sente as pessoas pela respiração. Ou esse é o fantasma chinês?”

“Você deve estudar essas coisas.”

“Nãh, isso eu vi num desenho animado.”

“Mas afinal de contas, o que foi que aconteceu com você?”

“Bom, esse cara tava me olhando, tá?”

“Que cara?”

“Caralinhos voadores, mas cê não ouviu nada do que eu falei? No metrô!!!”

“AH! O urucubaca.”

“Esse. Aí eu comecei a pensar em todas as coisas tristes que eu tinha passado em toda a minha vida. Comecei a chorar, do nada.



Fiquei louco de vergonha.”

“Cê teve uma crise nervosa no metrô.”

“Vam-pi-ro. Posso acabar a história?”

“Vai fundo.”

“Tá. Eu tava chorando, louco pra me enfiar embaixo do banco. Não sabia o que estava acontecendo comigo.”

“Stress pode causar isso.”

“Obrigado, doutor. Enfim, aí eu reparei que todo mundo no vagão estava se sentindo mal, de algum jeito. Uma mulher estava com uma cara de dar dó. Um outro sujeito parecia apertado pra ir ao banheiro. Até um par de adolescentes que estavam se agarrando no banco do fundo estava só se abraçando muito forte, os olhos apertados. Ninguém estava prestando atenção em mim. Tinham os seus próprios problemas.”

“E o urucubaca?”

“Pois é, ele estava olhando para as pessoas. Só olhando. Não estava surpreso, nem nada. Olhada de um para o outro, como se fosse a coisa mais natural do mundo e ele estivesse recolhendo dados para uma pesquisa de algum tipo.”

“Será que você não imaginou que os outros estavam passando mal?”

“Cê sabe como o seu catarro fica verde quando cê tá saindo de uma gripe feia?”

“Sei. Infelizmente.”

“Pois todo mundo tava daquela cor. Parece impressão?”

“Não.”

“O.K. Aí o velho olhou pra mim. Quando os olhos cinzentos dele bateram na minha cara eu comecei a sentir tudo de novo, mas cinco vezes mais forte. Em um segundo ou dois ele virou pra outra pessoa, que começou a parecer mal, também. Ele estava se alimentando delas. Eu podia sentir.”

“E todo mundo virou zumbi.”

“Cê assiste TV demais. Não, ninguém virou zumbi. Ou eu pareço um zumbi?”

Ele me olhou.

“Tá, esquece que eu perguntei. Mas era assim; ele olhava para as pessoas, elas começavam a reagir de forma estranha. Eu sentia como se toda a minha felicidade estivesse indo embora. E come-



çou a dar uma raiva do cara..."

"Arram. Escuta, você sabe que, se me contar alguma coisa ilegal que você fez, eu vou ter que chamar mesmo a polícia..."

"Não fiz nada assim. Só fiquei com raiva. E o velho continuava olhando para as pessoas. Quando ele olhou de novo pra mim ele fez uma expressão estranha. Eu senti mais ódio dele, mas dessa vez não fiquei triste. Parecia que ele não conseguia entrar."

"Entrar? Ele estava do lado de fora do vagão?"

"@\$%`%@"

"Calma, calma. Você está começando a se exaltar de novo."

"Culpa sua, que não é um bom coadjuvante."

"Sem xingamento."

"Eu não estou... esquece. Bom, o velho começou a prestar atenção em mim. Eu sentia dedos invisíveis na minha cabeça, pressionando os lados. Mas o meu ódio, dirigido a ele, não deixou que ele me influenciasse. Aí eu levantei, fui até ele, peguei ele pelo braço e mandei ele devolver o que tinha tirado de mim."

"Ou seja, atacou um velhinho no metrô."

"Não era um velhinho. Quando eu falei pra ele me devolver a coisa, imediatamente um filete prateado saiu da boca dele e entrou nos meus olhos. Foi a maior viagem. E, quando eu olhei para ele, não tinha nada mais de humano na forma que ele estava usando. Parecia um tipo de inseto."

"Mas vampiros não são insetos. Você deve estar confundindo os monstros."

"Tá. Então você me conta o que aconteceu depois. Já que sabe tão bem."

"Vai em frente."

"Bom, o bicho estava vestindo um terno em farrapos, parecia ter desenterrado aquela coisa de algum lugar bem sujo. Cê não vai querer que eu descreva o cheiro, também. Eu não sei como não tinha sentido antes."

"Cheirava mal, é?"

"Sabe quando você guarda o que sobrou de uma lata de salsichas no fundo da geladeira um pouco antes de sair de férias e depois..."

"Eu não quero descrições. Pode continuar a história."

"Agora eu me perdi."



"Você estava segurando o inseto por uma mão. Pata. Sei lá."

"Era uma pata. Lembrei. Mas antes era uma mão. A coisa me olhava, dava pra ver que estava com muito ódio, mas também com medo de mim. Se debatia pra se soltar. Acho que não tinha mais que um metro e trinta de altura, toda enrugada a cheia de crostas vermelho-sangue. Depois que eu tinha enxergado através do disfarce (e olha que, enquanto estava vestido de velho, parecia ter pelo menos dois metros), ele não tinha como se esconder."

"E o que aconteceu?"

"Ele me picou. No antebraço. Mas eu não soltei."

Mostrei a ferida pra ele. Tinha três buraquinhos simétricos, afastados, e um corte grande no meio. Estava enfaixado, mas eu removi a gaze pra mostrar.

"Espera aí, você não veio direto pra cá?"

"Hein? Não. Eu fui pra casa. Quando chegou a minha parada eu não soube o que fazer, queria descer mas estava segurando aquela coisa. Aí ele deu um safanão que me pegou distraído, e a próxima coisa que aconteceu foi um montão de fumaça fedorenta inundando o vagão. O metrô até parou por um minuto ali, quase, porque houve uma confusão. Acho que a coisa ou virou fumaça, ou tentou cobrir a fuga. Não sei qual delas."

"E você?"

"Desci, ué. Era a minha parada. Fui pra casa e passei água oxigenada nos machucados."

"Há quanto tempo foi isso?"

"Dois dias atrás."

Ele parecia confuso. Eu também. Por que é que ele estava prestando atenção agora que a história tinha terminado? Ele falou, abanando a cabeça:

"Eu não entendo por que é que você só veio atrás do calmante agora."

"Ah. Isso. Isso foi porque eu suspeitei de uma coisa e abri um talho no meu braço, onde a coisa tinha me picado. E achei isso aqui."

Tirei do bolso. Parecia uma bolinha de gude. Mas era translúcida, verde, mole, fedorenta e deixava o embrião dentro à vista. A coisinha olhou para o farmacêutico. Ele empalideceu. Aí, pensei um pouco em como eu odiava o embrião que tinha se



alimentado de minha carne por dois dias, senti um gritinho minúsculo na mente e a coisa pareceu assumir a posição fetal e adormecer num instante.

“Eu tentei até bater com um martelo, mas a coisa é completamente mole. Volta ao lugar, que nem uma borracha. Quando chegar em casa, vou colocar num vidro de álcool. Olha só.”

Ergui a esfera contra a luz. O atendente prestou bem atenção. Depois virou pra mim e disse:

“Eu não estou vendo nada aí.”

“E não sentiu nada também? Vi você se encolher agora há pouco.”

“Eu lembrei que tenho que pagar uma conta, só isso.”

“Ah.”

“E você claramente tem se auto-mutilado com essa história de vampiro do metrô. Me desculpe, mas eu vou ter que chamar a polícia, de verdade, dessa vez.”

Fez sinal para o segurança da farmácia. Eu tirei a esfera de novo do bolso, levantei alto, me concentrei na coisinha e pensei:

“Hora do rango.”

Os dois homens pararam na hora o que estavam fazendo. Uma das outras atendentes começou a chorar. Eu passei pelo segurança, que me olhava apavorado. E ganhei a rua. Estava calmo, tranquilo. Muito bem, na verdade. Me pergunto se não acabei roubando alguma energia deles sem querer, por intermédio da coisinha do ovo. Imagino que efeito isso teria em mim.

O ovo eu guardei dentro de um frasco com álcool. Tá, tá bom. Tequila. Pareceu uma boa idéia na hora, vendo como a coisinha parecia aquele verme que os mexicanos põe na tequila. Só que tem um invólucro verde. Antes que você se pergunte, não é pra beber. Só tinha um resto de tequila, que tranquei na estante, junto com um monte de outras coisas. E a coisinha não se mexe mais. Espero que continue assim.



PNR (Point of No Return)



 um termo usado pra viagens, esse daí de cima. Point of no return. Tem um ponto em que o retorno ao lugar de origem já não é possível. Porque você gastou mais do que devia na viagem de ida, porque não tem combustível suficiente, porque a gravidade não colabora, uma série de fatores. Não importa: basta saber que, depois de determinado momento, é seguir até o fim o caminho proposto. Ou sofrer as consequências.

Tou falando isso porque percebi que essa não é uma regra aplicável somente a viagens. Também vale para a vida. E para a magia. Sempre me gabei de saber alguma coisa sobre o assunto, embora trilhasse um caminho relativamente seguro – pois não me envolvia na coisa. Pra mim, era um tema pra se tratar em uma mesa de bar, bebendo um chopp e contando vantagem. Tou falando da magia, claro. Minha vida não é lá essas coisas, e sei muito pouco sobre ela.

Estava andando na rua quando um fulano pára na minha frente, olha pra mim como se eu fosse a coisa mais engraçada que ele via desde que o Bush sugeriu que o Iraque tinha armas de destruição em massa, e solta essa pérola:

- É pegadinha, né? Hein?

- Meu querido, eu não faço idéia do que cê tá falando.

- Você acabou de passar por mim!

- Eu asseguro que não dei a volta na quadra correndo pra ver de novo seu rosto bonito. Dá licença?

- Você está brincando, não? É pegadinha, sim!

Será que eu ia acabar brigando com esse cara pra provar que estava falando sério? Tentei um caminho diferente:

- Tá, tá bom. Cê venceu. É pegadinha. Agora, eu tenho que pedir a sua permissão pra usar a cena no programa do próximo domingo. Posso?

- Minha permissão?

- Claro. Senão não podemos usar a sua imagem. Embora eu ache que não vão usar, de qualquer jeito. Você matou a coisa na hora! Parabéns.

- Obrigado...
- Podemos usar a cena?
- Sim, claro. Eu tenho que assinar alguma coisa?
- Não precisa. Já temos a sua permissão em vídeo. Isso é o suficiente. Obrigado.

Levei a mão ao ouvido:

- Agora eu tenho que ir, que o meu sócia está em contato com outra pessoa. Uma boa tarde para o senhor, e parabéns.

Saí apressado. Ainda ouvi o cara gritar:

- Em que programa vou aparecer?!?

Contendo a vontade de responder "Mundo Animal", gritei a primeira coisa que veio na cabeça:

- Domingão do Faustão.

- Obrigado! Vou assistir todo!

Bom, era bem feito pra ele. Quando ele sumiu de vista eu afrouxei o passo, e segui o meu caminho. Mas o que vi diante de um loja de artigos esportivos me deixou abobado: lá estava eu, olhando para um arco-e-flecha como se fosse meu desejo mais íntimo.

Era a segunda vez que me via assim, pessoalmente. E a primeira já não tinha tido graça nenhuma. A mesma roupa, tudo igual. Eu me vi, e vim até onde eu estava com um sorrisinho desconcertado nos lábios.

- Oi.

- Oi. (Esse era eu. Aliás, ambos éramos, mas você entendeu onde quero chegar.)

Ficou aquele silêncio desconfortável na conversa. Aí começamos a falar ao mesmo tempo. Eu ia erguer a mão em sinal de cortesia, pra deixar ele falar primeiro. Só que o eu da minha frente foi mais rápido, e eu fiquei com a tarefa de iniciar o diálogo.

- Arco e flecha, hein?

- Isso. Não precisa de licença pra comprar, e faz o trabalho sem problemas. Claro que eu ia ter que achar você antes, mas tenho um jeito de sentir você, onde quer que você vá.

Eu sabia do que eu estava falando.

- Imagino que isso envolva um pedaço velho de moldura.

- Isso mesmo. E acho que você também sabe quem eu sou.

- O meu nêmesis, certo?



- Certo.

Outra pausa desconfortável. Sempre achei que fosse mais alto.

- Vem cá, e qual é a de querer me matar? Eu sempre boiei nesse ponto da história do nêmesis.

- Ah. Pode chamar do que quiser. Vocação. Plano divino. Mania. No fim das contas não importa muito.

- E você vai tomar o meu lugar?

Eu suspirei. O outro eu, digo.

- É o jeito, né?

- Tá, mas por quê?

- Olha, sei lá. O que eu queria mesmo era escrever. Profissionalmente. Tenho certeza de que você me entende.

É, eu entendia. Queria isso também.

- Acontece que sou seu nêmesis, então é mais ou menos o meu trabalho acabar com você. Sabe, plano cósmico, essas coisas aí.

Eu falava que nem eu, também. Coloquial até a morte. Senti vontade de me acertar a fuça. Mas e se eu me enganasse de fuça?

- Isso não faz o menor sentido pra mim.

- Isso quer dizer que não faz sentido pra mim, também.

- E ainda assim nós vamos adiante nisso?

- Muita coisa ruim poderia acontecer se não fôssemos. Cerveja virar água. Bancos ruírem. Dados pessoais serem apagados de bancos de dados.

- Ou seja, cê não tem a menor idéia.

Eu sorri pra mim.

- Não. Nenhuma.

- Quer tomar uma cerveja?

Conversamos horrores. Ninguém me entenderia melhor do que eu. Ficamos meio altos. Sentimentais. Eu (o outro eu) me olhava e dizia:

- Eu juro que vou ser rápido. Você não vai nem sentir nada.

- Obrigado.

E eu (ambos) chorava que nem uma criança. Depois passamos às confidências. Minhas vidas eram paralelos perfeitos, só que em lados opostos do mundo. Ponderei sobre a injustiça de tal situação, nenhuma das versões sabia ao certo por que é que eu tinha vindo até aqui para me matar, e não o contrário. Quero dizer... ah, cê entendeu, de novo. Sugeri:



- E se trocássemos de lugar?

Me olhei com frieza nos olhos:

- Você acha que vou te deixar comer a minha mulher?

Não tinha pensado nisso. Contra-ataquei:

- Linda hora de pensar em sua mulher. Aliás, o que ela vai fazer quando você assumir o meu lugar?

Silêncio. Me olhei com dor nos olhos:

- A verdade é que eu não quero fazer isso, sabe? Mas é como se não tivesse escolha.

- Pois pra mim isso é uma puta de uma besteira. A gente sempre tem escolha.

- Você acha?

- Me conta a minha história. Quer dizer...

- Eu entendi.



Vou resumir a ópera: os dois havíamos descoberto a magia, sem nos envolvermos muito. Daí, numa dessas quebradas, ele descobriu que ele era o nêmesis. Se é que posso me referir assim a um cara igualzim a mim. Daí, não tinha outra escolha senão seguir o destino de todo nêmesis, que é acabar com o original e assumir o lugar dele. Predestinação? Magia? Ou só o efeito de um pileque? Não me cabe julgar. Talvez tivesse feito o mesmo ao saber que eu era o nêmesis, e não ele. O fato é que acabamos chegando a um acordo quanto a nossos papéis: eu me prontificava a ser o nêmesis nos anos pares. Ele nos ímpares. E o acordo que nenhum de nós chegou a pronunciar em voz alta era o de que sempre deixaríamos nosso papel sagrado para o ano que vem.

E acabou aí. Mais ou menos. Eu voltei pra casa bêbado, tendo antes me deixado em um hotel, tomei a bronca regulamentar da patroa (ainda bem que ela não viu a foto que tiramos juntos) e fui dormir na sala.

Acordei em um lugar completamente diferente da sala. Pra início de conversa, não tinha paredes. Minha sala tinha. E teto, também. Na verdade aquilo parecia o alto de uma colina, mas tudo ao redor estava enevoadado. O céu não parava de cuspir raios, uma tempestade estava se formando. E tinha um cara (acho eu que tinha um cara embaixo de toda aquela barba e cabelo) de roupão azul, segurando um bastão e olhando pra mim com olhos de fogo.

- Hã... oi?

- É chegado o tempo de sua iniciação.

- Isso não tem nada a ver com você batendo em mim com essa coisa, tem? Porque, se tiver, estou fora. Ei, bonito roupão.

Ele me olhou com impaciência. Depois, pareceu ficar sem jeito. Olhou pra si mesmo. Depois voltou o olhar de fogo pra mim, de novo:

- Isso é uma toga. E isso que você chamou de “coisa” é o meu cajado. Pode fazer coisas bem piores que bater em você.

Eu não duvidava. Nem um pouco. Podia sentir pequenos estalos elétricos saindo daquilo ali. Concordei. Ele continuou:

- Você passou pelos três testes, após ter despertado para a magia. Venceu um ser das trevas. Conquistou um cajado feito com madeira mágica. Derrotou seu nêmesis. Essas são as provas no início do caminho de um mago.

Bom, não era exatamente verdade. Não sei a qual ser das trevas ele se referia, mas já tinha encontrado alguns. Se eu tinha “conquistado um cajado”? Tentei pensar a respeito sem deixar a conotação gay da frase revolver muito em minha cabeça. Se ele estivesse se referindo à moldura, que era a única “madeira mágica” que eu já havia encontrado, eu não lembrava de ter “conquistado” aquilo. Só resisti a seus efeitos e guardei em um lugar seguro. Derrotar o nêmesis? Foi mais um empate. Aliás, ano que vem eu seria o nêmesis. Ou seja, a coisa não era bem como o barbudo de roupão estava pensando.

Pensei em corrigir o engano, mas ele pareceu ler meus pensamentos. Aliás, pareceu também não gostar do que via.

- Sim... sim, eu posso ver. Você trilhou um caminho muito estranho. Não tem o conhecimento que a maioria de nós tem ao iniciar. Não tem prática com magia. Você nem quer seguir o caminho.

- É que tem prestações do apartamento pra pagar, e a minha esposa pode não gostar das horas extras...

- Silêncio! Isso não é escolha sua. Uma vez dado o passo inicial, um iniciado na magia morre ou se torna um mago. Tem sido assim desde o início dos tempos. E assim vai ser até o final.

- E tem uma opção de estudo noturno?

- Eu já pedi pra você fazer silêncio?



- Já.

- Então?

- Desculpe.

- Nesse momento você está sonhando em sua sala. Eu vim a você para avisar que sua iniciação nos mistérios está próxima. É inevitável.

- Tem que pagar alguma coisa? Porque se tiver, eu tenho que confessar que...

O olhar de quem está se segurando pra não ser grosso na cara dele fechou a minha boca.

- Você vai ser contatado. Reconhecerá os sinais. Navegará as linhas de sincronicidade. Você será um mago. Até lá, não diga seu nome a ninguém, pelo menos até descobrir seu nome secreto. Nomes têm poder.

- Hã... O.K.

- E nunca se esqueça de que a jornada é o importante. O destino é uma mera consequência.

- Tá.

- Adeus, jovem iniciado.

- Tchau. Fico feliz por ter me juntado ao clube. Mal posso esperar pra ver as instalações. Tomara que a mensalidade não seja muito alta.

Sei lá. Parecia o momento para dizer alguma coisa grandiosa – como ele vinha fazendo há um tempão – mas não veio nada de útil. Ele abanou a cabeça, preocupado. Depois acordei na sala.

E é isso. Estou no PNR. Fundo no PNR. E o que esperava nunca ter que enfrentar está diante de mim. Preciso ser cauteloso. Preciso pensar em minha esposa. Tomar todos os cuidados, esperar os contatos. E nunca – nunca – revelar a ninguém que me chamo Dante.



Créditos

(Ir)Responsáveis pela obra:

Leonardo Vidal

A. - que legal, ser o A.

Marcelo Mainardi

Ilustrador, revisor, conselheiro e o escambau.

Caio Cesar Canovas

Diagramador, palpiteiro, realizador e o escambau também.

Imagem de capa de Steve Skroce (revista Ultimate Doc Frankenstein nº 5)

Imagens de páginas antigas malandramente extraídas
de Grimm Fairy Tales OO - De Volta ao País das Maravilhas

Galeria

MARCELO/07





L. J. BROWN

